



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2015 - ANO XXXIV, NÚMERO 5

## Elas querem mais pornô

Enquanto alguns homens vivem com o vício, mulheres ainda não são nem consideradas público-alvo das produções. Angel Lima fala sobre vida dentro e fora da indústria. **Páginas 8, 9 e 10**

### Migrantes

Haitianos chegam a SC em busca de emprego e melhores condições de vida. **Páginas 4 e 5**

### Assédio

Campanha online reacende discussão sobre o que é ou não abuso sexual. **Páginas 12 e 13**

# Saúde, cultura e sexo sem preconceitos

Depois de abordarmos temas como a sexualidade e as políticas municipal e universitária, voltamos com uma edição mais leve. Porém, com assuntos que também fazem parte do cotidiano do leitor. Com isso, surge a dificuldade de encontrar temas diferentes e também trazê-los de uma forma não tão comum. Nesta edição do *Zero*, os repórteres buscaram abordar temas polêmicos sem pudor e sem preconceitos.

Por exemplo: a pornografia, algo muito comum na vida das pessoas. Por mais que considerem normal o consumo de vídeos eróticos, muitos têm vergonha de contar o que assistem até para os amigos. Além disso, também mostramos o lado das mulheres que trabalham nessa indústria.

Comentamos o aumento dos registros de casos de doenças sexualmente transmissíveis no Brasil e os métodos de prevenção disponíveis para a população nas redes públicas e privadas de saúde.

Apresentamos os cineclubes da universidade, quais seus critérios para escolher os filmes exibidos e a periodicidade com a qual se reúnem para assisti-los. Outro tema de cultura foi a música eletrônica.

Tão escutada pelos jovens atualmente, que pouco conhecem sua história e os gêneros que se originaram desse estilo musical.

Por outro lado, também trouxemos a cultura do assédio. Conhecemos pessoas que já sofreram abuso, os motivos de não terem denunciado seus agressores e o que é considerado crime pelas autoridades.

As dificuldades da comunicação entre surdos e ouvintes na nossa sociedade é muito comum, mas pouco debatida. Situação que cria desconforto na comunidade surda pela divergência de opiniões.

Outra comunidade, presente em Florianópolis, é a dos imigrantes haitianos. Pessoas que deixam família e diploma para trás em busca de oportunidades de emprego e uma vida melhor.

Além dos assuntos que já citamos, também abordamos uma nova determinação da Anatel para o uso de telefones públicos, os famosos orelhões, em 14 cidades brasileiras.

Esperamos ter realizado o trabalho da melhor maneira possível e que você aproveite esta edição!

Boa leitura!

## NOTA DA REDAÇÃO

O ano é 2015, mas, ainda assim, o tabu é uma chaga editorial que o próprio jornalismo precisa desconstruir. Falar de sexo, de pornografia, de forma livre e independente, sem rótulos e estereótipos, promove a igualdade e a crítica a modelos conservadores – e vencidos – de abordar a pauta de cada dia, um exercício indispensável à formação do repórter na atualidade. A turma do *Zero* deste semestre entendeu o recado e, edição a edição, presenteia o leitor com assuntos que, mais do que informar, desacomodam e trazem novas formas de olhar esses tabus que teimamos em constituir. Ao abordar temas sensíveis socialmente, o *Zero* acredita que contribui para discutir a realidade que cerca a vida dos leitores, em uma abordagem irreverente, provocadora e até mesmo sensual. Se a censura aparece velada inúmeros veículos, aqui no jornal ela não passa nem perto de nossa porta. Quanto mais de nossa pauta.

Marcelo Barcelos,  
professor da disciplina

# UFSC elege Cancellier com 47,72 % dos votos

Na noite de quarta-feira (11), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) elegeu seu novo reitor e vice-reitora. Foi quando 47,42% dos eleitores participantes — professores, servidores e alunos — votaram em Luiz Carlos Cancellier e Alacoque Lorenzini, da chapa “A UFSC pode mais”. Por uma diferença de apenas 1,36%, Edson De Pieri e Bebeto, da chapa “UFSC+”, foram derrotados no segundo turno das eleições.

O fato de os resultados terem chegado a números tão próximos não foi uma novidade, já que no primeiro turno, que ocorreu no dia 21 de outubro, a chapa de De Pieri ganhou a vaga na segunda etapa das eleições por 0,41% de votos a mais que os oponentes Irineu e Mônica, que ficaram em terceiro lugar. Cancellier e Alacoque venceram o primeiro turno com 29,58% dos votos válidos.

As abstenções do segundo turno totalizaram 66,7%. No total, 12.923 pessoas foram às urnas, sendo que o número de votantes da universidade é de 38.853. Comparada com colégios eleitorais de cidades catarinenses, a UFSC tem o 25º maior eleitorado do estado.

Na coletiva de imprensa concedida logo após os resultados oficiais confirmarem a vitória de Cancellier, o novo reitor da UFSC disse que o diálogo será sua principal estratégia para unir o campus, dividido pelas eleições. Ele também admitiu a crise vivida pela universidade devido aos cortes financeiros na educação, quando defen-

deu a busca por outras fontes de recursos.

Cancellier venceu entre os servidores com a maioria dos votos, 67%. Entre os professores e alunos, De Pieri manteve vantagem. Quando questionado sobre esses resultados, Cancellier afirmou que, independente de números, o resultado final exige que essa nova gestão trabalhe unida com toda a comunidade acadêmica.

O futuro reitor declarou ainda que uma das principais motivações de ter se candidatado foi a necessidade de pacificação interna entre os três segmentos da universidade — professores, servidores e alunos. Outra intenção e plano de gestão do novo reitor é divulgar de forma mais ampla a qualidade de ensino, pesquisa e extensão da UFSC.

### Cobertura integrada

A cobertura do *Zero* *Jornal* foi feita em parceria com a Rádio Ponto UFSC e com o telejornal TJ UFSC, ambos projetos de extensão do curso de Jornalismo. Com base nos boletins que foram impressos nas urnas, os estudantes recolhiam os números e enviavam, imediatamente, para uma central de apuração montada nos estúdios da rádio. A cobertura envolveu alunos de diversas fases do curso, cinco servidores técnicos-administrativos e quatro professores, e foi feita de forma convergente: Rádio, TV e jornal e, claro, de forma instantânea, nas mídias sociais digitais dos veículos.



Cancellier é diretor do Centro de Ciências Jurídicas



E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - /jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900

**ERRATA:** na edição de Outubro de 2015, nº 6, escrevemos “cheque” na capa, quando o correto é “xeque”. O crédito certo da foto da página 3 é de Valdori Santos

## ZERO

**JORNAL LABORATÓRIO ZERO** Ano XXXIV - Nº 5 - Setembro de 2015 **EQUIPE** Amanda Reinert, Amanda Ribeiro, Ana Carolina Fernandes, Ariane Maia, Bruna Ritscher, Bruno da Silva, Daniella de Lima, Débora Baldissera, Dener Alano, Gabriel Lima, Gabriela Dequech, Gisele Bueno, Júlia Rohden, Julliano França, Karine Lucinda, Laura Prada, Leise Silva, Lillian Koyama, Luara Loth, Luís Gabriel Braun, Marina Simões, Matheus Faisting, Mônica Custódio, Natália Huf, Paula Barbabela, Roberto Granzotto, Rubens Lopes, Sandy Costa, Sarah Laís, Simone Feldmann, Talita Burbulhan, Valdo Santos, Valmor Neto e Vinícius Bressan **EDIÇÃO** Leise Silva, Marina Simões e Roberto Granzotto **CAPA** Paula Barbabela **PROFESSOR-RESPONSÁVEL** Marcelo Barcelos MTB/SP 25041 **MONITORIA** Ayla Passadori e Gabriela De Toni **IMPRESSÃO** Gráfica Grafinoite **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 09 de novembro

★  
Melhor Jornal-Laboratório  
EXPOCOM SUL 2015

★  
Melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
EXPOCOM 2015

★  
Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

★  
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
EXPOCOM 1994

★★★★★  
Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-  
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998



Os aparelhos, que antes da popularização dos celulares eram o modo mais comum de fazer ligações, contabilizam diversos problemas de funcionamento e menos usuários a cada dia

Cidade

# O orelhão está com os seus dias contados?

Em extinção, os telefones públicos de 14 estados disponibilizam chamadas interurbanas gratuitas

**V**ocê já precisou de um telefone público para fazer uma ligação? Conhece alguém que ainda o utiliza? Alguma vez já se deparou com um orelhão pela rua? Se a maioria das respostas foi não, pode ter a ver com um cenário onde há cada vez mais linhas de telefones móveis. Some-se a isso a queda do número de orelhões no Brasil durante a última década. De acordo com os dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em 2004 havia mais de um milhão e trezentos mil telefones públicos no país. Depois de dez anos, esse número caiu para menos de oitocentos e oitenta mil. Ou seja, as ruas brasileiras perderam um terço dos seus orelhões.

A quantidade de telefones públicos diminuiu tanto que a agência reguladora obrigou a Oi a tornar gratuitas as ligações interurbanas feitas para telefones fixos, a partir de orelhões, em catorze estados brasileiros, inclusive em Santa Catarina. A medida foi tomada porque a concessionária não disponibilizou o número mínimo exigido de equipamentos em condições de uso. No primeiro semestre de 2015, já havia sido determinado que as chamadas locais - DDD de origem igual ao DDD de destino - fossem de graça. Agora, foi a vez das chamadas interurbanas - DDD de origem diferente do DDD de destino. A determinação vai valer até que a exigência seja cumprida.

A Anatel realiza as medições a cada seis meses, e a disponibilidade da planta de telefones de uso público deve estar acima de 90%. Em Santa

Catarina, o número é maior e chega a 92%. No entanto, nos locais em que o acesso coletivo é exclusivo a partir de orelhões, a demanda não é cumprida. Nesse caso, a disponibilidade deve ser de, no mínimo, 95%; no estado catarinense, chega a 87%. As próximas checagens serão feitas em 29 de fevereiro de 2016, com validade a partir de abril; e em 30 de agosto do mesmo ano, com validade a partir de outubro. Nos estados em que a Oi não cumprir o patamar mínimo exigido, a companhia terá de disponibilizar ligações sem custos para telefones móveis.

A equipe de reportagem do Zero foi às ruas de Florianópolis para ver se a população sabe que os orelhões da cidade estão realizando ligações gratuitas. A maioria dos que estavam usando o telefone público tinha conhecimento da determinação imposta pela Anatel. Ana Carolina da Silva, de 28 anos, não. Primeiro, ela tentou fazer a chamada a cobrar. "Não encontrei cartão telefônico para comprar." Não conseguiu. Ao conversar com os repórteres do Zero e descobrir sobre a gratuidade do serviço, refez a ligação — dessa vez, sem ser a cobrar — e conseguiu falar com o primo que mora no interior. Já Augusto Costa

de Souza, de 34 anos, precisava de um orelhão para ligar para a central de atendimento da agência bancária da qual é cliente.

Explicou que optou pelo serviço porque não tem telefone fixo em casa e "o 0800 que o banco oferece não atende ligação feita pelo celular". Embora estivesse ligando para um número gratuito, ele também não sabia da medida imposta à Oi.

A falta de orelhões nas ruas das cidades brasileiras não é o único problema. Entre os telefones públicos que ainda existem, há uma parcela considerável que não funciona. Durante a saída

no centro da capital catarinense, os repórteres do Zero resolveram testar os aparelhos. Dos onze orelhões disponíveis no calçadão da Rua Felipe Schmidt, dois estavam estragados, o que dá quase 20% do

total. E eles sequer mostravam o "coloque o cartão", frase que aparece quando o cliente tira o telefone do gancho. Além disso, quase todos os equipamentos estavam pichados ou traziam cartazes e propagandas de serviços particulares, como de garotas de programa. Os usuários também reclamaram que alguns aparelhos não fazem a leitura correta dos cartões telefônicos.

## Um passado de valor

Apesar de hoje não serem valorizados, nas últimas duas décadas os orelhões eram bem populares, e isso contribuiu para que as concessionárias comessem a personalizar os aparelhos, de acordo com temas que envolvessem pontos turísticos do Brasil. Em Itu, a cidade do exagero, há um orelhão que mede cinco metros de altura. O monumento, claro, apenas simula o equipamento. Em Santa Catarina, também existem orelhões com formatos peculiares.

Em Brusque, por exemplo, o aparelho tem a forma de um marreco.

Em Fraiburgo, é uma maçã.

E em Tubarão, não precisa nem dizer com

o que ele se parece.

Não só os orelhões, mas também os cartões telefônicos foram personalizados, principalmente no final da década de 90 e começo dos anos 2000. Havia cartão

## As ruas do país já perderam um terço de seus telefones públicos

## Antes item de coleção, hoje é raro encontrar à venda cartão de orelhão

Juliano França  
jdejuliano@hotmail.com  
Valdo Santos  
emaildorepórter@gmail.com

# A vida dos haitianos que escolheram o Brasil

Grupo de imigrantes com maior presença no mercado de trabalho luta por inclusão social

O Acre é a porta de entrada para o Brasil. Pelo menos essa é a alternativa da imensa maioria de haitianos que não têm tempo nem dinheiro para obter o visto com o consulado brasileiro — trâmite que pode levar 30 dias, com taxas de 200 dólares. Percorrem o longo trajeto entre Haiti, República Dominicana, Equador e Peru, para entrar no Brasil fazendo a solicitação de refúgio. Buscam a Polícia Federal para emitir o Protocolo de Registro, um documento que assegura o direito de circular por todo território nacional sem correr o risco de deportação, e que permite obter CPE, Carteira de Trabalho e Previdência Social.

O abrigo em Rio Branco (Acre), cada vez mais amontado de estrangeiros, é visitado por empresários interessados em contratar: buscam homens, na grande maioria, para serviços braçais no Sul e Sudeste. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, em 2013 os haitianos se tornaram o grupo de imigrantes com maior presença no mercado brasileiro de trabalho formal. Além de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, Santa Catarina é um dos principais estados na contratação de haitianos, foram 1.704 em 2014.

Entre 2010 e 2014 passaram pelo Acre mais de 40 mil pessoas, um fluxo crescente formado principalmente por haitianos e senegaleses. Só em 2015, foram mais de sete mil haitianos. Sem condições de auxiliar tantos imigrantes, o Estado do Acre conta

com medidas de apoio do governo Federal como o convênio para transferência de recursos e transporte dos estrangeiros para outras regiões com mais oferta de emprego. Em junho, o Ministério da Justiça repassou R\$ 2 milhões que foram utilizados para fretar 43 ônibus. Florianópolis foi o destino de 19 ônibus, entre maio e

## Santa Catarina é um dos estados que mais contrata haitianos, foram 1.704 em 2014

agosto deste ano, com 452 haitianos, 35 senegaleses e um dominicano.

Desde 2012, o Brasil concede aos haitianos um visto de permanência, conhecido como visto humanitário. Mesmo solicitando refúgio, a Resolução Normativa 97/12 prevê que seja concedido o visto permanente com validade de cinco anos. Até julho deste ano, cerca de 26 mil documentos foram emitidos. O intuito, segundo o governo, é evitar a busca de rotas migratórias operadas por organizações criminosas, um negócio paralelo que em quatro anos e meio faturou R\$ 60 milhões. Outra medida para incentivar a vinda legal foi aumentar a taxa de vistos concedidos pela Embaixada Brasileira em Porto Príncipe. Agora são emitidos mensalmente dois mil.

Em 2010, a cota era de 100 vistos por mês.

Apesar desses esforços, a maioria dos haitianos que vivem no país não têm o visto, o que não caracteriza que estejam vivendo de forma ilegal, pois possuem o Protocolo de Registro — aquele recebido ao cruzar a fronteira. É um documento com validade de um ano e que confere os mesmos direitos de qualquer outro estrangeiro em situação regular. Para serem efetivamente registrados no país, os haitianos precisam ter seus nomes publicados no Diário Oficial da União, um processo que pode levar anos. Enquanto isso não ocorre, a alternativa é solicitar a prorrogação do Protocolo. Nos dois últimos anos, a Superintendência Regional do Estado de Santa Catarina contabilizou 1.649 pedidos dessa natureza.

O doutorando em Demografia na Unicamp e pesquisador no Observatório das Migrações de Santa Catarina, Luís Felipe Aires, afirma que o terremoto de 2010 não é o único motivo que desencadeou a vinda para o Brasil. Aponta também os seguintes fatores: a crise econômica nos países norte-americanos e europeus, que costumavam ser destino dos haitianos; a forte presença econômica e militar do Brasil, que desde 2004 participa da Missão de Estabilização da ONU no Haiti (Minustah) e um maior acesso das famílias brasileiras ao consumo, às custas da elevação do endividamento destas mesmas famí-

lias. Segundo Aires, em 2010 as empresas começaram a buscar haitianos para suprir vagas de trabalho que não eram ocupadas pelos brasileiros, principalmente nos setores de grande rotatividade de funcionários, tanto pela demissão quanto pelo afastamento por questões de saúde.

Não é raro um haitiano exercer a mesma função, durante a mesma quantidade de horas, que um brasileiro e receber menos. A recente pesquisa realizada em 16 cidades brasileiras por observatórios de migrações e grupos de estudos ligados à Unicamp (São Paulo), UFAM (Amazônia), Udesc (Santa Catarina) e UNIR (Rondônia) apontam que a maioria dos haitianos recebe entre 1 e 3 salários mínimos e ainda transfere para familiares cerca de R\$ 200 por mês, o que corresponde a 54 dias de trabalho no Haiti para quem ganha o salário mínimo. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) conclui que, em 2014, o dinheiro enviado por haitianos que não vivem no país equivale 24% do PIB. As análises mostram que nos últimos dez anos, as remessas correspondem entre 22 a 25% do PIB. No Brasil, correspondem a 0,1%.

Luís Felipe Aires aponta duas fases do fluxo migratório haitiano para Santa Catarina. A primeira teve início em 2010, quando mais de quatro mil haitianos foram recrutados para trabalhar em Navegantes, Balneário Camboriú e Itajaí especialmente no

serviço portuário, limpeza pública e construção civil. A segunda fase, com início em 2013, caracteriza-se pela contratação de empresas frigoríficas que passaram a operar em três turnos de trabalho. “Vale lembrar que um a cada quatro trabalhadores de frigoríficos se afastam para tratar doenças. E os haitianos são recrutados para os piores trabalhos, com mais esforço físico e desgaste. São alocados principalmente em dois setores, onde levantam cargas de carne comprometendo a coluna e onde passam o turno todo com os braços em uma posição que lesiona o ombro” concluiu Aires a partir do trabalho de campo em Chapecó, onde se concentra empresas frigoríficas como Aurora e JBS, em janeiro de 2015.

O Grupo de Apoio aos Migrantes Refugiados em Florianópolis aponta em relatório que as principais dificuldades dos haitianos são a demora em obter o visto permanente, a validação de documentos e disciplinas das instituições de ensino do Haiti e a falta de vagas para atuar dentro de suas áreas de formação.

A reportagem conversou com três haitianos que vieram viver em Florianópolis.

Júlia Rohden  
juliarohden@gmail.com  
Talita Burbulhan  
talitaburbulhan91@gmail.com



**Nicole Official está no Brasil há um ano. Sonha em fazer uma especialização, exercer a profissão de enfermeira e ser mãe.**

Nicole Official não sentiu o tremor que devastou o seu país em janeiro de 2012, quando o terremoto de 7 graus da escala Richter atingiu cerca de 3 milhões de pessoas, o equivalente a um terço da população do Haiti. Na época ela estava na República Dominicana, cursando o último ano da faculdade de licenciatura em Enfermagem. Quando concluiu os estudos em dezembro de 2012, ganhou o diploma mas perdeu as garantias do visto estudantil, decidindo

assim, tentar a carreira na devastada Porto Príncipe. A atividade mais próxima a sua formação que conseguiu exercer foi auxiliando a irmã enfermeira nos cuidados com pacientes. A falta de emprego no Haiti e o desejo de continuar os estudos determinaram a vinda para o Brasil. Em outubro fez um ano que ela deixou a Ilha de São Domingos, a segunda maior do Caribe, para viver na de Santa Catarina.

Com a catástrofe, uma das ações do governo brasileiro foi conceder visto permanentemente por razões humanitárias aos haitianos, com prazo de cinco anos. A Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012 previa a emissão de 1,2 mil vistos anuais. No ano passado o governo am-

pliou essa concessão, sendo que hoje a embaixada em Porto Príncipe emite dois mil documentos por mês. A autorização que deixaria de valer em outubro de 2015, teve o prazo prorrogado pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) até o final do ano que vem.

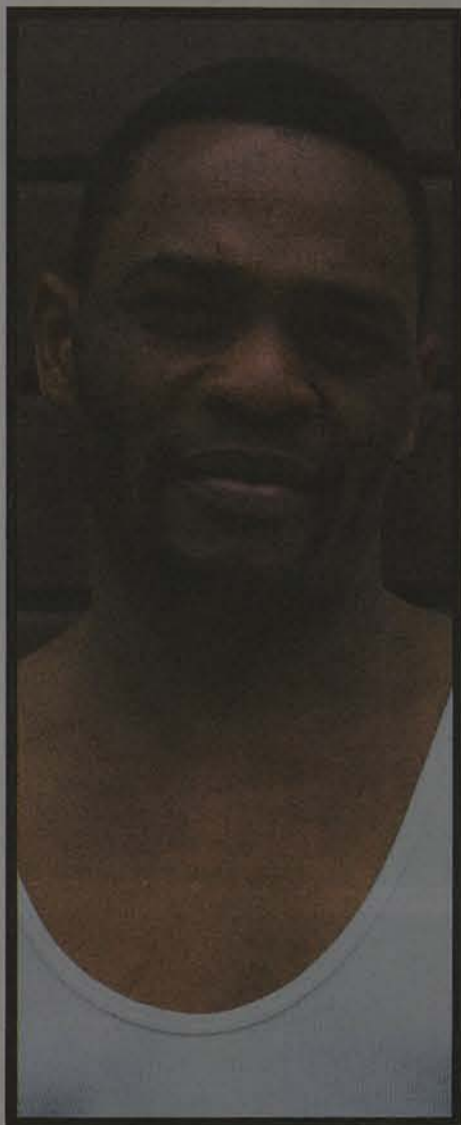
Nicole conseguiu o visto na embaixada do Brasil em Quito. Desde que chegou, os conhecimentos de Enfermagem foram brevemente postos em prática durante os meses em que atuou em duas clínicas de idosos, uma em São José e outra no Córrego Grande. Atualmente trabalha em uma padaria. De segunda a sexta-feira cumpre seis horas por dia. O expediente é vespertino e vai até as 21h50 e quando ela sai 10 minutos antes pra dar tempo de pegar o ônibus. O sábado é de folga. Os domingos, um é de trabalho, outro de descanso. Ganha um salário mínimo e paga aluguel de R\$550. O emprego temporário em um restaurante pelas manhãs tem complementado a renda, da qual costuma poupar de R\$100 a R\$200 por mês. São pelo menos 60 horas semanais de trabalho, nas demais dorme, lê - ora a Bíblia, ora os livros de saúde -, vai à escola dominical e ao culto.

Foi através da religião que conheceu o haitiano Moliner Sampaeur, ambos frequentavam a

mesma igreja batista na República Dominicana. Casaram em agosto do ano passado, pouco antes de Nicole vir para o Brasil. Hoje o relacionamento não é mais à distância: há três meses os dois moram juntos em uma casa alugada na Agrônômica. Apesar de estar trabalhando, o desejo de Sampaeur é terminar a graduação de Engenharia Elétrica. Mas como não tem mais vínculo com sua antiga universidade, a alternativa será prestar vestibular no ano que vem.

A situação de Nicole é diferente. Para trabalhar como enfermeira, terá que validar o diploma, processo que deve ser realizado por instituições de ensino públicas. Uma vez ao ano, a UFSC abre edital para validação, um trâmite que pode levar até seis meses para o ser deferido ou indeferido, caso a formação do candidato não se encaixe nas Diretrizes Curriculares previstas pelo Ministério da Educação. Outra alternativa seria retomar os estudos pelo “retorno de graduado”, uma opção prevista pela resolução de 17 do Conselho Universitário (CUn), para preenchimento de vagas remanescentes. O edital é lançado todo semestre. Neste último, o curso de enfermagem deu chance de ingresso para quatro pessoas.

Nicole não desanima, aposta que no ano que vem os dias de trabalho serão como enfermeira.



Julia Robben/Zero

**Alfred Checo Toussaint, chegou a Florianópolis em julho deste ano. Trabalha em dois empregos e tem a esperança de trazer os três filhos para morar no Brasil**

Entre 24 de maio e 4 de junho desembarcaram em Florianópolis 178 imigrantes, alojados de improviso em um ginásio em Capoeiras. Chegaram em ônibus fretados pelo governo federal que partiram de Rio Branco (Acre) rumo as regiões Sul e Sudeste. A Secretaria de Assistência Social de Florianópolis disse que soube dos primeiros ônibus através da imprensa e teve que tratar a questão de forma emergencial. Em 26 de maio houve uma reunião em Brasília que definiu quantos ônibus ainda viriam para o município e uma lista com o número de imigrantes e suas informações pessoais básicas. Do total de 488 imigrantes que foram recebidos de forma institucionalizada, a imensa maioria foi para outras cidades catarinenses. Apenas 26 ficaram na Capital, sendo que nove moram no local de trabalho, dois alugaram residência e 15 vivem em abrigos públicos da prefeitura. Alfred é um deles.

Toussaint está há quase quatro meses em Florianópolis e ainda não foi à praia. Às 7h30 sai do abrigo da prefeitura no Centro, onde divide quarto com outros dois haitianos, e pega o ônibus para São José. Chega à oficina onde trabalha com limpeza de motor de carro e sente cheiro do café preto recém preparado. "Se tomo café sem leite, não durmo de noite", brinca contorcendo as bochechas magras em uma gargalhada. Vol-

ta para o abrigo depois de almoçar um prato de frango, arroz e feijão. Às 14h30, sai de novo para pegar o ônibus rumo ao segundo emprego. Limpa um restaurante em Sambaquí até as 23h30.

Nasceu no Haiti mas morou na República Dominicana dos 15 aos 33 anos, trabalhando como vendedor de frutas e estudando para ser mestre de obras. Os dois países dividem a ilha São Domingos, no Caribe, e há muitas décadas os haitianos cruzam a fronteira em busca de tra-

## Florianópolis recebeu 19 ônibus com imigrantes que chegaram ao país pela fronteira do Acre

balho. De lá voou até Colômbia, e da Colômbia até o Equador. O sonho de chegar ao Brasil se aproximava lentamente, em uma mistura de calor e mosquitos dentro do ônibus que demorou seis dias até chegar ao Acre. Passou metade de um mês em um abrigo em Rio Branco. Quando questionado se tinha muitas pessoas no ginásio, ele dispara "Uuuui, no pudo contar! Mais de três mil" sempre misturando o creole haitiano com o espanhol que aprendeu na República Dominicana e um pouco de português.

Quase toda renda mensal de R\$ 1800, juntando o salário dos dois empregos, é enviada ao Haiti para cobrir a educação e comida de seus três filhos – Fredson, Wifredo e Davidson. De res-

to, Alfred gasta com passagens de ônibus para ir do trabalho ao abrigo municipal e, de vez em quando, toma um suco. Com a morte da esposa dominicana, os meninos foram morar com a avó no interior do Haiti. Toussaint repete várias vezes que está muito preocupado com os filhos. Sabe que estão comendo mal e não vão à escola todos os dias. Conversa semanalmente com a família, mas por pouco tempo. Ele explica que o cartão telefônico que compra por R\$10 dura três ou quatro minutos de ligação.

Deixou o Haiti por ser difícil conseguir trabalho sem saber falar inglês e francês, sendo esta a língua ensinada nas escolas mas que poucos dominam. Alfred, assim como a maioria da população haitiana, fala o creole que também é idioma oficial. Foi embora da República Dominicana pela violência contra haitianos que, segundo ele, estão sendo "picados" com machado. Alfred conta que quase não conversava com os dominicanos, porque estavam matando haitianos sem motivo. O conflito violento entre os dois países é histórico.

Alfred sempre leva na carteira seu documento provisório de identidade de estrangeiro feito no país que conhece desde pequeno pela televisão. Quer comprar uma casa e viver no Brasil com os filhos, visitando o Haiti por um ou dois meses, durante as férias. Acorda todos os dias pensando em trazer os três filhos para perto e afirma convicto, enumerando a lista do que será necessário: conseguir o visto de permanência, alugar uma casa e juntar dinheiro para as passagens.

## Cherry Clareans vive no país há dois anos. Esforça-se para que os haitianos tenham seu valor reconhecido e possam ter melhores condições de vida no Brasil

"Nasci em Porto Príncipe, tenho duas irmãs e dois irmãos. Meu pai é químico. Minha mãe é uma moça humilde, comerciante. A primeira irmã é formada em Administração, a segunda é enfermeira e os irmãos menores estão estudando" - faz dois anos que o haitiano Cherry Clareans está longe da família. Ele entrou no Brasil pela fronteira com o Acre, viveu 45 dias no Rio Grande do Sul, mudou-se para Florianópolis, trabalhou como revendedor da Herbalife, decidiu estudar. Concluiu o Ensino Médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja), fez curso pré-vestibular, prestou o ENEM e hoje é acadêmico de direito do CESUSC. Cherry é magro, te olha nos olhos quando sorri e fala com mesma propriedade que um rei.

Integrante da associação de haitianos Kay Pa Nou, que em creole significa "nosso lar", ele milita por medidas públicas que garantam a cidadania dos haitianos em Santa Catarina. É cristão, acredita no Evangelho de Deus, tem fé em Jesus Cristo, que é o seu mestre e o seu Salvador. Quando questionado se pretendia voltar para o Haiti, ele garantiu que sim e foi mais adiante, profetizando o retorno do grande império negro e a reunificação da África: "as grandes águas voltarão para o seu rio mãe", assegurou. Conversar com Cherry sobre sua história é tirar os pés da poça d'água, para mergulhar de corpo inteiro nas fossas oceânicas. Permanecer seco é uma alternativa inexistente.

"Deixar o Haiti não é uma escolha fácil, é por causa dos contextos históricos e da opressão que as migrações estão ocorrendo. No passado nós chegamos a ser a colônia mais produtiva que a história teve notícias. Se hoje estamos pobres é porque há muitas filosofias e hegemonias que não aceitam o triunfo de termos sido o primeiro país a abolir a escravidão e a fundar uma república negra liderada por um ex-escravo. O que fizemos foi provar ao mundo que ele estava errado. Poderíamos ser um modelo para as etnias negras, mas somos castigados. Não nos é permitido crescer, e é por isso que os haitianos estão saindo. Muitos vendem tudo o que têm para tentar uma vida nova e ajudar a distância aos que ficam, enviando parte do salário que adquirem para os familiares. Cerca de 50% da população do meu país é mantida pela diáspora haitiana.

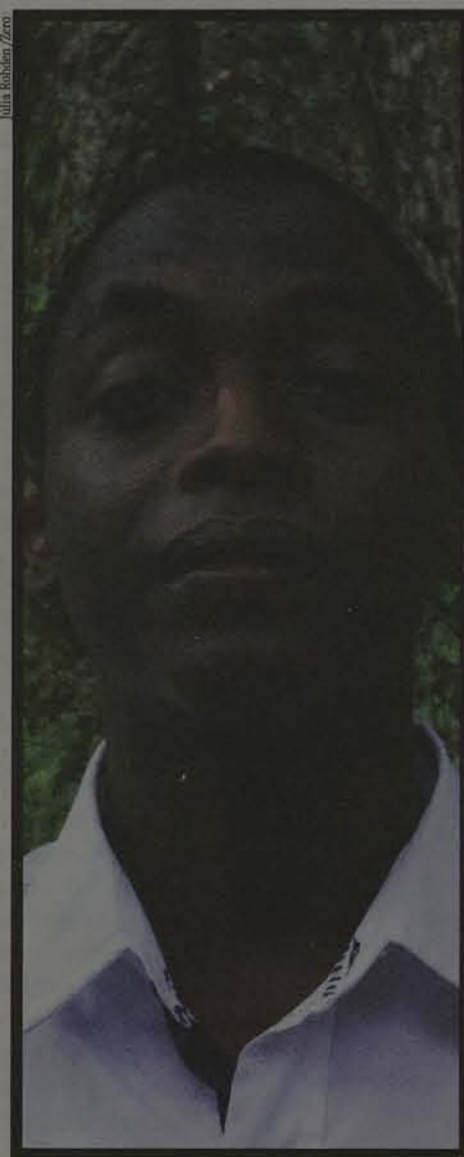
## Metade da população haitiana se mantém com o dinheiro enviado por familiares que foram trabalhar em outro país

Há décadas, o Brasil recebe imigrantes, das mais diversas etnias, que colaboraram para formar essa nação unificada. Lendo o livro de Gilberto Freyre 'Casa Grande e Senzala', percebi o papel que muitos haitianos tiveram para a africanização brasileira: trouxeram seus valores

e culturas contribuindo para a construção dessa grande sociedade. O acordo diplomático que existe entre os governos haitiano e brasileiro, desde 2004, estimula a escolha deste país como destino. Nós viemos para recomeçar uma nova vida, para estudar, para servir, para ajudar no progresso. Como somos mais de 60 mil aqui no Brasil, não se deveria pensar em 'indivíduo haitiano', mas sim em 'sociedade haitiana' que está aqui para contribuir.

Por isso, que o meu esforço e de outras associações de Santa Catarina é a criação de um conselho estadual dos imigrantes, para que eles possam ter voz, e a formulação de políticas de acolhimento que façam a integração das haitianas e dos haitianos na sociedade catarinense. Porque inclusão social não se faz fornecendo carteira de trabalho e ofertando empregos que os brasileiros não querem realizar.

Para mim, o maior equívoco que se comete é olhar os imigrantes haitianos-africanos pela sua vulnerabilidade econômica com piedade, em vez de percebê-los como pessoas que têm valores, que têm capacitação pra andar com seus próprios pés. Nós temos muito a oferecer. É preciso entender a realidade social, a realidade histórica e a realidade do sistema capitalista que estamos vivendo. Há esta passagem que me inspira muito: 'enquanto o leão não sabe falar, a história sempre será contada pelos caçadores.'"



Julia Robben/Zero



Ananda conta que fez o implante sonhando em conseguir se comunicar facilmente, mas a adaptação foi muito difícil

Saúde

## Formas dos surdos se comunicarem causam divergência

Com uma língua oficial e um estilo de vida característico, comunidade ainda pouco discute quais são as melhores formas de facilitar o diálogo com a sociedade

**É** cada vez mais comum vermos pessoas nas ruas conversando através de gestos, por meio da Linguagem Brasileira de Sinais, mais conhecida como Libras. Essa linguagem é gestual e utilizada pela maioria dos surdos no país, mas não são apenas eles que podem se comunicar dessa forma. Além das suas famílias e amigos, também existem outros interessados em aprender a língua para se comunicar com eles. Atualmente diversas pessoas se sentem pertencentes à comunidade surda, que possui uma cultura própria com seus costumes, sua língua e seu modo de vida.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2011, 28 milhões de brasileiros possuíam algum tipo de problema auditivo, quase 15% do total de 190 milhões de brasileiros. Destes, conforme uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) realizada em 2010, quase dois milhões tinham deficiência auditiva severa (1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são surdos). Dentre os surdos, existem aqueles que se comunicam através da língua de sinais e aqueles que são oralizados, ou seja, se comunicam através da fala oral e da leitura labial/facial. Existem ainda os que são bimodais, ou seja, se comunicam das duas formas, dominando o Português e a Libras.

Muitos se confundem e acreditam que Libras é apenas um conjunto de gestos e mímicas, mas na verdade é uma língua com gramática e estrutura própria e diferente do português. Não é como o Braille, por exemplo, no qual se escreve uma palavra por meio de um conjunto de pontos - que representam as letras - e sua estrutura acompanha a da língua portuguesa. A Libras é a segunda língua oficial do Brasil desde o decreto 5626/2005,

que regulamenta a Lei número 10.436, de 24 de abril de 2002. Esta foi uma conquista importante pois reconheceu o idioma como língua materna da população surda do país.

A luta das comunidades surdas mundiais para que tivessem direitos como esse é muito antiga. Os séculos XVIII e XIX marcaram o debate sobre a educação dos surdos. Neste período oralistas e manualistas - ouvintes em sua maioria - firmaram suas posições pedagógicas e suas políticas. Oralistas são pessoas que defendem a oralização dos surdos e manualistas são favoráveis às linguagens de sinais.

Algumas figuras marcaram o posicionamento dos oralistas, como o médico e educador suíço, Johann Konrad Ammann, que oralizava seus alunos surdos e afirmava que a língua gestual atrofiava a mente em relação ao desenvolvimento da fala e do pensamento. Além dele, Samuel Heinicke, o primeiro

educador a desenvolver uma instrução sistemática para os surdos na Alemanha, também considerava que a prioridade no ensino às crianças surdas era a linguagem falada e que a língua de sinais poderia prejudicar esta aquisição.

Muitos foram os estudiosos oralistas, mas o nome mais famoso é o de Alexander Graham Bell, filho de mãe surda e pai ouvinte instrutor de deficientes auditivos. Ele defendia a oralização pois acreditava que só assim os surdos poderiam ter uma integração social com o mundo. Para ele, o uso da linguagem de sinais deveria ser proibido pois criaria uma comunidade com tendência ao casamento entre surdos e isso tornaria possível que fosse formada uma variação surda da raça humana.

O método oralizado (auditivo-verbal) trata a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa



estimulação faz com que o surdo aprenda a língua oral e proporciona sua integração na comunidade ouvinte, sem ficar restrito à sua própria comunidade. "Acho esse método legal para quem quer aprender a falar. Eu

## Estima-se que mais de 95% dos surdos têm pais que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais

sempre quis e facilita bastante, pois me ajuda. Quando eu preciso resolver urgentemente algo, consigo falar 'oralizando'. Eu aprendi a falar porque minha mãe me ensinou. Ela me estimulou a ir repetindo até eu aprender, mas eu não falo perfeitamente, só consigo se for com calma e devagar", conta Harrison Adams, estudante de Libras na UFSC que já nasceu surdo e foi oralizado quando cursava a 2ª série. Tanto os que sabem ler, escrever e falar fluentemente, quanto os alfabetizados não fluentes na fala, são considerados oralizados.

Maria Madalena Pinheiro, professora adjunta de fonoaudiologia da UFSC e também componente da equipe de Implante Coclear do HU-UFSC, afirma que a Libras pode auxiliar a permear a linguagem oral. "O que acontece é que a maior parte dos pais que nos procuram não querem que seus filhos falem com Libras". Segundo Sacks (1998), estima-se que mais de 95% dos surdos são filhos de pais ouvintes que em sua maioria não tiveram nenhum contato com a Língua de Sinais, previamente. Com isso, algumas crianças acabam apresentando isolamento psicológico e não rendendo tanto na aprendizagem linguística e na comunicação com outras pessoas. Alguns dos recursos para capacitar o deficiente auditivo a desenvolver ou manter a linguagem oral e escrita envolvem sessões com fonoaudiólogos, leitura labial, uso de aparelhos auditivos, implantes cocleares, leg-

endas, equipamentos para facilitar a comunicação e participação ativa da família. Para Alexandre Bet, surdo desde o primeiro ano de idade e oralizado ainda criança, o aprendizado foi bastante difícil, "pois praticava somente a oralização das palavras de uma sentença do início até o fim, não sabia o que as palavras significavam nem o contexto das sentenças".

O processo de oralização de surdos dura de 8 a 12 anos, dependendo de fatores como a época da perda auditiva, o grau da perda, a participação da família nesse processo, entre outros. A professora Maria Madalena Pinheiro afirma que a falta de treinamento atrapalha o desenvolvimento da linguagem oral e que os pais e a família devem sempre reforçar o aprendizado em casa. Harrison conta que "mesmo na minha família, às vezes, me esquecem e vão falando rápido dificultando o meu entendimento".

Devido a essas dificuldades do processo de oralização, os manualistas acabaram ganhando força e agora são maioria. Um dos nomes mais fortes nesse cenário é o do

## A condição desafia a compreensão ética na medicina, pois não há como afirmar se é uma patologia

Dr. Harlan Lane, psicólogo e especialista na cultura surda. Para ele e a maior parte da comunidade surda, surdez não é deficiência. Esta comunidade se define como estrangeiros em uma cultura oral, na qual eles afirmam ser erroneamente considerados deficientes porque se expressam em outro idioma, a linguagem dos sinais. A ideia é a de que qualquer estrangeiro sente o choque cultural ao se ver cercado por pessoas de cultura e língua diferentes e, se não contar com a benevolência do grupo, se sentirá isolado e não conseguirá se comunicar - assim como os surdos em meio

aos ouvintes.

A estudante de Libras da UFSC, Ananda Lioila Somões Elias, nasceu surda e fez o implante coclear em 2008. "Eu me sinto à vontade na comunidade e na cultura surda. Sinto que é mais leve, fácil e rápido se comunicar em Libras. Eu agradeço à comunidade surda porque aprendi muito. Antes, eu não tinha muita informação, eu era 'boba' e todos tinham pena de mim porque eu não tinha opinião própria. Depois de conhecer Libras, ganhei muitas coisas", conta.

A comunidade surda se identifica tanto com essas ideias que já houve casos de casais surdos que procuraram métodos de seleção embrionária para que seus filhos nascessem surdos e se identificassem culturalmente com seus pais, como consta no artigo Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez, produzido pela antropóloga Debora Diniz. Fora isso, muitas comunidades surdas de diversos países vêm apresentando resistência em relação aos tratamentos para surdez e aos implantes cocleares. Essa tensão entre argumentos de anormalidade física e normalidade cultural traz muita discussão e faz da surdez um caso-limite que desafia a compreensão ética na medicina, pois não há parâmetro para afirmar se é ou não uma patologia.

Vendo por esse lado, a comunidade surda não se apresenta, do ponto de vista político, como um movimento de deficientes, se aproxima mais de movimentos como o feminista e os anti-racistas. A ex-presidente da Associação Estadunidense de Surdos, Roslyn Rosen, afir-



Harrison Adams é aluno da UFSC e foi oralizado no Ensino Fundamental

ma: "Sou feliz como sou e não gostaria de ser 'curada'. Em nossa sociedade, todos concordam que brancos têm uma vida melhor que negros, mas alguém imaginaria uma pessoa negra fazendo uma operação para se tornar branca?" Entender a surdez como apenas uma variação de língua e cultura, é difícil para quem está acostumado a vê-la como uma deficiência e abala os padrões de normalidade. Fica fácil entender porque a teoria de Lane é tão controversa mesmo entre os surdos.

Leise Silva  
leisilie.caroline@gmail.com  
Bruna Ritscher  
brunaritscher@gmail.com

# Saiba como funcionam os implantes cocleares

O implante coclear é visto como uma salvação para alguns e como uma tentativa de extermínio da cultura surda por outros, justamente por trazer uma "cura" para algo que não seria uma doença. Ele é um aparelho eletrônico utilizado para restaurar a audição nos pacientes portadores de surdez profunda que não se beneficiam dos aparelhos convencionais. O implante tem dois componentes. O interno, que é uma parte dentro da cóclea ligada a um decodificador que fica atrás da orelha, por baixo da pele. O externo é composto por um processador de fala, uma antena transmissora e um microfone. Depois do processo de programação e adaptação, o implante é responsável por estimular o nervo auditivo através de pequenos eletrodos e os sinais são levados pelo nervo até o cérebro.

O Hospital Universitário da UFSC é credenciado ao Ministério da Saúde pela portaria de Implante Coclear. Desde 2011, realiza duas cirurgias por mês. O candidato ao implante deve ter surdez severa ou profunda bilateral e provar que após o uso de prótese auditiva não

obteve benefício. A avaliação ocorre em três etapas: médica, fonoaudiológica e psicológica. Alguns dos insucessos são: alterações anatômicas no ouvido, infecção e necrose da pele, tontura ou paralisia facial.

Ananda conta que quando fez o implante sonhava em se comunicar facilmente, mas o processo de adaptação é difícil e ela não se acostumou. "Eu me assustava com os sons. Não conseguia me concentrar em apenas um. Além disso, meu corpo mudou muito. Eu dançava e amava nadar bem fundo, agora não posso nem balançar a cabeça. Eu perdi muitas coisas que gostava de fazer e agora sinto dor! Quando decidi parar de usar o implante, a maior parte da minha família perdeu a paciência. Não abriam espaço para mim nas conversas e agiam como se eu não estivesse ali". Ananda reclama que não consegue dormir do lado onde fica o implante. "Tenho muita vontade de tirar! Meus pais querem muito também, porque eles não aguentam mais que eu reclame da dor. Quero viver livre!", confessa Ananda.



# Pornô sobre mulheres, mas não para mulheres

Apesar de receberem salários até três vezes maiores que os homens e terem contratos mais duradouros, o foco das produções são eles

‘P’ara toda mulher que deu à luz, para todos os pagadores de impostos e cidadãos dessa nação: nós lutamos pela igualdade de todos. Agora é a nossa hora de conseguir igualdade salarial de uma vez por todas, e direitos iguais para as mulheres nos Estados Unidos”. Esse discurso foi proferido pela atriz americana Patricia Arquette durante a edição do Oscar esse ano, e arrancou aplausos de outras grandes mulheres de Hollywood, como Meryl Streep e Jennifer Lopez. É estranho pensar que em um ambiente consagrado, que lucra tanto com a figura da mulher, ocorra esse tipo de desigualdade. Só para se ter uma noção, filmes hollywoodianos com protagonistas femininas tiveram algumas das maiores bilheterias desse ano: *Mad Max* arrecadou 528 milhões de dólares, e a adaptação do livro *50 Tons de Cinza* somar 94 milhões só na primeira semana. Mais estranho ainda é imaginar que em um ambiente onde a mulher é objetificada, a indústria pornográfica, as coisas aconteçam da maneira inversa.

Dados da maior produtora brasileira de pornografia, a Brasileirinhas, mostram que enquanto um ator recebe em média mil reais por semana, uma atriz ganha o triplo pelo mesmo período de trabalho. No entanto, o diretor executivo da produtora, Clayton Nunes, explica que isso se deve a uma série de outras obrigações que as atrizes têm e que os atores estão dispensados: “O ator não precisa maquiar o rosto e o corpo, arrumar cabelo e nem se submeter ao ensaio fotográfico. O cara chega cinco minutos antes da gravação da cena e vai embora uma hora depois no máximo”. Enquanto isso, uma atriz passa, em média, de seis a sete horas em um set de gravação.

Para entrar na Brasileirinhas, as atrizes passam por um processo de seleção. As candidatas devem enviar quatro fotos: uma de frente, uma de costas, uma de lado e uma do rosto. Além disso, têm que responder um questionário e participar de uma entrevista. Já com os homens, o processo é diferente. “Nosso critério restritivo para os atores é conseguir manter a ereção num set de filmagem por pelo menos 40 minutos”, explica o diretor-executivo Clayton Nunes. “Todo mundo acha que é fácil trabalhar no pornô, mas é preciso atender às posições que o diretor pede, num calor tremendo por causa das luzes, dar ângulo para a câmera e gozar só na hora que o diretor manda”.

Apesar da rotina pesada, a atriz Milena Santos — que já chegou a gravar cinco cenas por semana — não se sente pressionada no trabalho e considera o ambiente tranquilo e agradável. A única exceção ocorreu quando a equipe do Profissão Repórter, produzido pela Rede Globo, compareceu a uma gravação. “Fiquei muito intimidada, porque além do pessoal do filme, a Globo estava lá gravando o programa junto”. Em 2005, aos 21 anos, Milena decidiu abandonar o curso de Educação Física para se dedicar à pornografia, depois de ser convidada para assistir à produção de um filme. De início, a reação da família foi um pouco difícil. “Não admitiam que eu

fizesse isso, porque eu estudava e tinha uma carreira a seguir. Depois, com o tempo, aceitaram a minha decisão”.

As coisas aconteceram mais ou menos da mesma forma com Bruna Ferraz, uma das atrizes há mais tempo na Brasileirinhas, que não teve apoio da família no começo da carreira. Desde 2007, ela participa de pelo menos dois filmes por ano, gravando quatro cenas de cerca de uma hora de duração. Quando o assunto é o clima no set de gravação, concorda com Milena: “É tranquilo, já que é um trabalho como outro qualquer. Eu me sinto muito grata por ser uma atriz, sou bem quieta e querida por todos. Por onde eu passo, todos me reconhecem. Fico muito feliz em ser quem eu sou”. Mesmo satisfeita com a fama, a atriz quer continuar trabalhando pelos próximos dois anos na indústria. Depois, pretende abrir um pet shop.

Mas, espera aí. Um salário maior e reconhecimento profissional não significam que as coisas corram às mil maravilhas para as mulheres na indústria pornográfica.

## Por não serem vistas como público-alvo dos filmes, personagens femininas são retratadas de forma pouco realista

Em grande parte das produções, o que vemos em foco é o prazer do homem, tanto dentro da tela — já que a maioria dos vídeos termina com a ejaculação, e não com o orgasmo da mulher — quanto fora dela — segundo dados da *Covenant Eyes*, um programa americano de filtragem e prestação de contas de internet, 68% dos homens jovens assistem pornografia pelo menos uma vez por semana, contra 32% das mulheres. De acordo com a doutora em Ciências Humanas e especialista em pornografia Maria Eduarda Ramos, os números mostram uma cultura enraizada. “O que se tem hoje é a ideia de romance para mulheres e sexo e pornografia para homens. É como se vários discursos fossem compondo essa imagem das mulheres como não consumidoras do pornô, e quanto mais se fala, mais se reforça isso. Por essas e por muitas outras questões ainda as mulheres não são vistas como consumidoras de pornografias ‘masturbatórias’”.

Por não serem consideradas público-alvo da maior parte das produções, as mulheres são muitas vezes representadas de uma maneira que não condiz com a realidade. Para tentar mudar isso e tornar as produções mais próximas do público feminino, uma vertente alternativa, conhecida como pornografia feminista, vem se destacando. Na produção de um filme feminista, o objetivo é valorizar a imagem da mulher e sua sexualidade, ao invés de privilegiar as fantasias do homem. Alguns desses filmes, no entanto, acabam reforçando outros tipos de estereótipos. “Há questões paradoxais aí: por um lado, é importante ter outros roteiros diferentes aos pornôs hegemônicos, mas por outro, criou-se um roteiro para mulheres brancas, de classe média, heterossexuais, que fazem sexo limpinho e

glamouroso e reforçam o estereótipo de gênero”, afirma Maria Eduarda Ramos.

A pornografia feminista surgiu na década de 80, mas só se popularizou depois dos anos 2000, quando foi criada a premiação internacional para pornografia feminista *Feminist Porn Awards*, que ocorre desde 2006 no Canadá. Para que o filme concorra, deve ter sido dirigido, escrito ou produzido por uma mulher. Fato interessante, se você for levar em conta que em outras produções cinematográficas a porcentagem de mulheres atrás das câmeras é muito baixa. De acordo com dados do Centro de Estudo sobre Mulheres na Televisão e no Cinema, da *San Diego State University*, as mulheres foram roteiristas de 11% dos 250 filmes hollywoodianos mais rentáveis de 2014, e diretoras de apenas 7%.

Apesar de apoiar a produção de filmes que valorizam a mulher, Maria Eduarda alerta: “É preciso refletir criticamente sobre isso. Ter um novo roteiro não deveria especificar quem deve excitar e como deve. Não há apenas uma forma de excitação para as mulheres. Há diversidades de desejos, de mulheres e de pessoas em geral”. A pornografia é uma ferramenta política. Tanto pode construir e reforçar modelos, como padrões de corpo e tipos de beleza, quanto disseminar discursos sobre sexualidade diferentes dos tradicionais. É importante que existam produções voltadas para as mulheres, “mas não cabe mais utilizarmos ‘mulheres’ como uma categoria universal”. Cada uma tem sua forma de sentir prazer.

# A realidade de quem atua nos filmes adultos

Ela vai para o trabalho quatro vezes na semana e de vez em quando sai com os colegas no fim do expediente para tomar um chope. Não vive sem comida japonesa e considera a hora de malhar a melhor do dia. Divide seu tempo livre entre ir para baladas sertanejas com os amigos e ler livros em casa. Às vezes ela assiste pornô. Mas, claro, nenhum dos 144 vídeos em que atuou.

Angel Lima é de Florianópolis e é a atriz pornô brasileira mais premiada da atualidade. Esse ano foi escolhida como a melhor intérprete heterossexual do país pelo Prêmio Sexy Hot Brasil, a maior premiação de pornografia nacional. No ano passado, Angel participou da Melhor Cena de Sexo Anal em *Anal Maníacas 2* e Melhor Cena de Sexo Oral em *Profissão: atriz pornô*.

Falando em profissão, Angel começou como atriz há três anos, a convite de um amigo que já era ator. Antes dis-

so, trabalhava em shows de *strip-tease* e posava nua para revistas. Aceitou o convite e acabou entrando na Casa das Brasileirinhas, uma espécie de Big Brother do pornô, onde o telespectador escolhe qual aspirante a atriz vai se tornar a próxima estrela dos filmes da produtora Brasileirinhas. Angel foi a vencedora e, em 2013, estreou seu primeiro filme, *Hoje eu tô no veneno*. A partir daí, a carreira deslançou: só pela Brasileirinhas, maior produtora de vídeos pornô brasileira, esteve em 17 longa-metragens.

Para a mãe e outros membros da família mais próximos, ela mesma se encarregou de contar da nova profissão, que foi recebida sem muito barulho. “É como a minha mãe sempre diz: o importante é não fazer mal a ninguém e ter caráter. Então foi tranquilo”. Entre os amigos, a escolha da carreira atuou como um filtro, que, segundo ela, reteve só aqueles que realmente gostavam dela, porque “os amigos que são verdadeiros permanecem amigos. Mas os que não são de verdade acabam se afastando. Infelizmente existe um franco preconceito, né?”.

Apesar de algumas manifestações de ódio contra sua imagem e seu trabalho, Angel reforça que se orgulha do que faz e que nunca se envergonhou da carreira que escolheu. E como nem tudo — felizmente — é preconceito, ela conta com uma base sólida de fãs, principalmente nas redes sociais. As 27 mil curtidas em sua página oficial do Facebook e os 17 mil seguidores no Twitter comprovam isso.

Fora da internet, as pessoas costumam pedir fotos quando a encontram em locais públicos, principalmente no aeroporto. Alguns, como — infelizmente — é de se esperar, passam um pouco do ponto e insistem em conseguir um número de telefone. Mas, no geral, os encontros seguem de maneira mais ou menos tranquila. Angel afirma que esse reconhecimento aumentou depois da premiação do Sexy Hot Brasil, e que vem sendo abordada nas ruas com uma frequência maior.

Além da fama, pouca coisa mudou depois dos títulos. A não ser o cachê, claro. “É natural. Quando o seu trabalho é valorizado, você passa a receber um pouco mais”.

Além do salário maior, produziu mais filmes: até agora, em 2015, já foram dez, em comparação com nove em 2014 e três em 2013.

Ela anunciou esse ano, no entanto, que não pretende mais participar de gravações, a não ser que apareça uma ótima proposta.

A atriz afirma que nunca

se envergonhou de gravar nenhuma cena e que seu cotidiano no set de gravação sempre foi tranquilo, com direito a conversas simpáticas entre as cenas e um eventual chope depois do expediente. Antes da gravação propriamente dita, ela tem o rosto e o corpo maquiados e participa de uma sessão de fotos. As cenas geralmente duram uma hora, se os atores não passam por nenhum tipo de imprevisto. “Já gravei com dois atores que tiveram probleminhas de ereção. A cena se prolongou demais. Foi bem complicado”.

Quando perguntada sobre como seria uma cena perfeita para um filme pornô, Angel elencou muitas coisas que faltam no Brasil. “Acho que seria uma cena estilo gringa, mais bem produzida, com cenários bonitos e mulheres bonitas. Eu gostaria de fazer uma festa, com atores dançando juntos. Atores bonitos, que infelizmente estão em falta no Brasil”. Se for para levar em consideração a informação da Brasileirinhas de que cerca de 40 homens demonstram interesse em se tornarem atores pornôs por dia, ou Angel é muito exigente ou talvez o quesito beleza masculina não seja o forte aqui no Brasil.

Ao contrário do que dizem outras atrizes, Angel afirma que raramente tem um orgasmo durante as gravações. E, apesar do clima que você vê nos vídeos, ela diz que só se envolveu romanticamente com um colega de trabalho uma vez. “Não é muito comum os atores se relacionarem fora do set. O ambiente é muito profissional”.

A atriz chegou a ficar noiva do ator e diretor Brad Montana, com quem dividiu o prêmio de Melhor Cena de Sexo Oral no Prêmio Sexy Hot 2014. Por trabalhar na mesma área, ela diz que não teve grandes problemas no relacionamento, mas não sabe se uma relação com alguém que não é do ramo funcionaria da mesma maneira. E para você que quer dar uma \_\_\_\_\_ (insira um advérbio aqui) na \_\_\_\_\_ (insira um eufemismo para sexo aqui), segue a dica de alguém com uma experiência provavelmente maior que a sua: “A pessoa tem que conhecer o parceiro, saber o que ele ou ela gosta, o que curte. E, é claro, ela tem que se conhecer também, saber o que dá prazer para ela, e fazer o que dá prazer para os dois. Só assim ela pode recorrer a outros meios, tipo livros ou dicas”.

Hoje, Angel ainda grava vídeos, mas do tipo que pode ser postado no Facebook. Não vive mais do pornô, mas continua não conseguindo sobreviver sem comida japonesa. Viaja muito, fazendo shows de *strip-tease* no país todo, e sente falta de casa. Não consegue mais acompanhar suas séries, e por isso não tem uma favorita. No futuro, quer se “voltar para uma coisa mais pessoal”. Mas admite que sua relação com o sexo mudou, e para muito melhor, durante esses anos em que trabalhou na indústria pornográfica. “Eu me sinto mais à vontade para explorar certas coisas, fetiches que eu tinha e não admitia. Eu me sinto mais à vontade para falar, para fazer. Agora eu me sinto mais desejada”.

**“Hoje me sinto à vontade para explorar mais coisas, fetiches que tinha e não admitia. Eu me sinto mais desejada”**

Amanda Ribeiro  
amandarbrmarques@gmail.com  
Marina Simões  
marinasimoes31@gmail.com  
Natália Huf  
natalia.huf@gmail.com  
Paula Barbabela  
paulabarabela@gmail.com



Comportamento

# Quando o desejo vira obsessão, até uma relação pode ser descartável

Filmes eróticos dominam internet e têm maior potencial para viciar

**T**rinta por cento de todo o tráfego de dados da internet é pornografia: foi este o dado revelado em um levantamento feito pelo Extreme Tech, um popular site estadunidense de tecnologia, em 2012. O estudo *A Billion Wicked Thoughts*, escrito pelo neurocientista Ogi Ogas, indica que este tipo de conteúdo corresponde a 13% das pesquisas feitas nos principais buscadores e 4% de todos os sites disponíveis na web. Além disso, a pesquisa *Predicting Compulsive Internet Use*, feita em 2006 pelo Addiction Research Institute, na Holanda, afirma que “de todas as atividades feitas pela internet, consumir pornografia é a que tem maior potencial para viciar”. Apesar de alguns desses dados serem contestados, casos de pessoas que se consideram viciadas em conteúdo erótico tem se tornado cada vez mais comuns.

Mesmo consumindo pornografia de uma a três vezes por dia, Paulo\*, 20, não se considera dependente. O estudante de ciências biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro acredita que seu hábito não seja prejudicial e até o compara com o uso de redes sociais: “não é porque acesso diariamente, que eu sou viciado”. Ele conta que sempre que se vê sozinho, acaba procurando este tipo de conteúdo. Além disso, ainda menciona casos em que precisou sair de perto de colegas para saciar seu desejo.

“Sempre tem um lugar para ir. Vou rápido no banheiro e pego o celular. Em festa, o jeito é fazer isso”.

Paulo esclarece que seu hábito nem sempre é acompanhado pela masturbação e revela que já passou horas vendo pornô na web. “Assisto porque me dá adrenalina. Nunca tentei ficar muito tempo sem pornografia, mesmo porque não consigo”. O garoto acredita que a falta de sexo foi o que desencadeou sua rotina, que se mantém constante há 3 anos. “Prefiro me satisfazer sozinho a ter outra pessoa para fazer isso”, confessa.

O psiquiatra e sexólogo Kayo Gheno explica que o consumo de pornografia pode ser resultado da relação entre instinto humano e diversidade de conteúdo disponível na rede. Segundo ele, a possibilidade de “vivenciar” cenas protagonizadas por pessoas diferentes engana nosso cérebro, que as entende como situações variadas e reais. “É um sistema de recompensa que libera endorfina e dopamina, como no sexo mesmo”. Para Kayo, o consumo de pornografia passa a ser prejudicial a partir do momento que as atividades cotidianas de quem consome começam a ser afetadas. “O vício surge quando a pessoa organiza a vida dela em torno daquilo. Quando, por exemplo, a pessoa está na aula e fica pensando qual site pornográfico ela vai acessar”, explica.

E foi justamente essa a situação que levou José Trigueiro, 19, a iniciar tratamento psicológico ainda na infância para tratar o que ele mesmo chama de vício. O estudante de Publicidade e Propaganda conta que, aos 12 anos, saía da aula para se masturbar pelo menos cinco vezes ao dia, comportamento esse que acabou chamando a atenção de sua professora. “Um dia ela me chamou e pediu para contar o que tanto eu fazia no banheiro. Ela conversou com minha mãe e fomos juntos a uma psicóloga”, conta. Ele ainda revela que, por causa da frequência com que se masturbava, tinha dificuldades inclusive para sentir prazer. “Meu corpo entendia que aquilo era comum”. Sobre as consequências do vício, o

jovem lembra da queda de rendimento escolar e da dificuldade de convívio com as pessoas. “Eu não brincava, fazia as coisas rápido em casa para poder voltar para os vídeos. Via pornografia até onde não tinha”. Depois do início do tratamento, José demorou ainda cerca de sete meses para “parar de ver sexo em tudo”. Hoje, ele não tem o hábito de consumir muito conteúdo erótico e afirma ter uma vida sexual comum e ativa. “Não tenho vergonha em expor que passei por isso pelo simples fato que mais gente pode passar pelo mesmo, ou as vezes já passa, e não sabe”.

Apesar de casos como o de Trigueiro, existem muitos defensores da ideia de que o vício em pornografia seja um mito. Essa opinião, compartilhada por parte da comunidade acadêmica psiquiátrica, se apoia na ausência do distúrbio no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria e principal referência para pesquisas sobre saúde mental no mundo todo. Os críticos costumam apontar o vício como uma criação baseada na moral cristã. Joshua Grubbs, pesquisador e doutorando em psicologia pela Case Western Reserve University, publicou um estudo em 2014 indicando que havia uma influência maior da religião e da reprovação moral à pornografia do que de impactos negativos reais na vida dos que se consideravam viciados em pornô.

A psicóloga Maria Eduarda Ramos, cuja tese de doutorado teve a pornografia como objeto de estudo, acredita que encarar como viciante o consumo de conteúdos eróticos sem uma leitura crítica pode ser algo problemático: “A pornografia esbarra em questões morais porque a própria sexualidade passa por essas questões. Por conta disso, assistir, ver ou ler pornografia pode ser considerado um comportamento patológico para algumas pessoas”. Apesar disso, ela reconhece que, a partir do momento em que o comportamento começa a trazer prejuízos para o cotidiano da pessoa, a busca por ajuda torna-se necessária. “Há diversas formas de tratamentos para compulsões, seja medicamentoso e/ou psicoterápico. As psicoterapias são feitas em diferentes abordagens, então, para cada abordagem há uma forma de se fazer o tratamento”.

\*O nome do entrevistado foi alterado para preservar sua identidade

Matheus Faisting  
mfaisting@gmail.com  
Vinicius Bressan  
bressanferreira@gmail.com



Prevenção

# Índices de HIV em SC superam média nacional

Diferente de outros países, Brasil vive aumento no contágio de doenças sexualmente transmissíveis

**N**ão há quem não lembre de ter visto, pelo menos uma vez na vida, uma propaganda reiterando aquele velho conselho: "use camisinha". O preservativo é uma das formas mais eficazes de prevenir contra diversas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), mas, apesar de sua distribuição gratuita nos postos de saúde e dos investimentos em campanhas de conscientização, a quantidade de novos casos de infecção segue aumentando no Brasil.

É o que mostra um relatório da Unaid (programa conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids) divulgado em julho. De acordo com o documento, no ano 2000 o número de novos infectados pelo vírus HIV no Brasil estava entre 29 mil e 51 mil. Já em 2014, havia entre 31 mil e 57 mil novos casos. Enquanto isso, no mundo todo, o número diminuiu 35,5% no mesmo período.

Em Santa Catarina, a situação é um pouco mais grave. O estado está acima da média brasileira tanto em mortalidade por causa da Aids, como das coinfeções — quando o organismo sofre duas ou mais doenças ao mesmo tempo — por tuberculose e hepatites virais. Em 2002, o estado era o primeiro no ranking nacional (39,7 casos para cada 100 mil habitantes), passando para o segundo lugar no ano de 2012. Neste último ano, a taxa de detecção do estado foi de 33,5 casos para cada 100 mil pessoas. Um percentual 39,7% maior que a média do país.

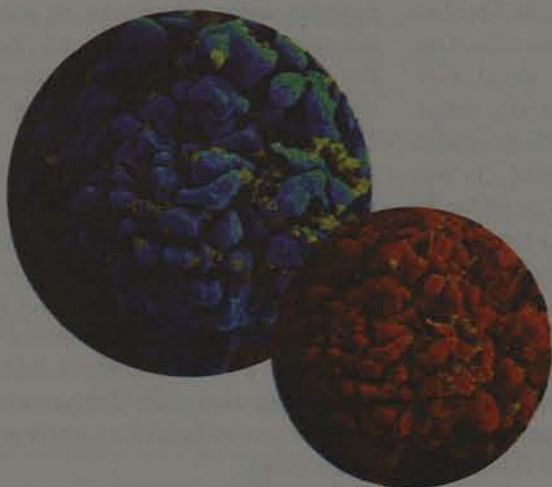
Além das infecções por HIV, Santa Catarina registrou 1.963 novos casos de sífilis em 2014, o que representa um crescimento de 30% em relação ao ano anterior, de acordo com a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Dive). Em 2015, entre janeiro e julho, 1.461 pessoas contrairam a doença.

Para o professor Edison Natal Fedrizzi, chefe do Projeto HPV do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), "o aumento se deve a fatores como a diminuição do uso do preservativo, o aumento do número de parceiros sexuais e o conceito de que a Aids não é mais uma doença letal e que pode ser

**"Aumento se deve ao número de parceiros sexuais, à diminuição do uso do preservativo e ao senso comum de que a Aids não é mais uma doença letal"**

controlada adequadamente com os novos medicamentos no mercado". Ele acrescenta que esse último fator é mais grave no Brasil, já que no país há uma excelente política de tratamento do HIV com medicações de ponta disponíveis gratuitamente.

O professor explica que as doenças cuja transmissão se dá por secreção — como chlamydia, gonorreia, HIV, hepatite B — podem ser evitadas com o simples uso do preservativo. O controle do uso de drogas injetáveis também é um ponto importante na prevenção das duas doenças. A proteção contra o herpes e HPV, no entanto, apresenta uma eficácia parcial com essa medida, uma vez que a contaminação ocorre pelo contato com a pele e mucosa.



Enquanto o número de casos diminuiu 35,5% no mundo, cerca de 57 mil novos surgiram no Brasil no ano passado

## Vacina contra o HPV

No Brasil, o câncer de colo de útero, causado pelo papilomavírus humano (HPV), é a terceira maior causa de morte entre as mulheres. O HPV é altamente contagioso e a sua transmissão acontece por contato direto com a pele ou mucosa infectada. A principal forma é pelo contato sexual, mas também pode ser transmitido de mãe para filho durante o parto e, embora seja raro, o vírus pode se propagar também por meio do contato com as mãos. Há mais de 150 diferentes tipos de HPV, porém os tipos 16 e 18 causam em torno de 70% dos casos de câncer do colo de útero e os tipos 6 e 11 são encontrados na maioria das verrugas genitais.

A vacina HPV quadrivalente, que foi incluída no Calendário Nacional de Vacinação do SUS em março de 2014, confere proteção contra estes quatro principais tipos do HPV. Inicialmente, os alvos da campanha foram meninas de 11 a 13 anos de idade. Em 2015, a oferta da vacina foi ampliada para a faixa etária de 9 a 13 anos de idade. O Ministério da Saúde adota o esquema vacinal estendido, composto por três doses. Estudos mostram que a vacina tem maior eficácia se for administrada em adolescentes que ainda não foram expostas ao vírus, pois, nessa idade, há maior produção de anticorpos contra o HPV que estão incluídos na vacina. Mesmo assim, após a vacinação, é importante seguir fazendo o exame preventivo (Papanicolau) na vida adulta, entre 25 e 64 anos.

O Projeto HPV, desenvolvido na UFSC desde 2002 e liderado pelo professor Edison Natal Fedrizzi, foi um dos centros de pesquisas clínicas de todo o mundo que avaliou a eficácia da vacina, comparando os dados de indivíduos que receberam a dose com outros que receberam apenas o placebo. O professor avalia que, apesar de a vacina ser utilizada em mais de 100 países, a aceitação no Brasil foi péssima. "Esta é uma faixa etária que não está habituada a utilizar vacina. Além disso há um temor de agulhas e injeções muito grande nesta idade, que os torna bastante resistentes às vacinas, incluindo a do HPV", explica.

Gabriela Dequech  
gabydequech@gmail.com  
Mônica Custódio  
monicacustodioc@gmail.com

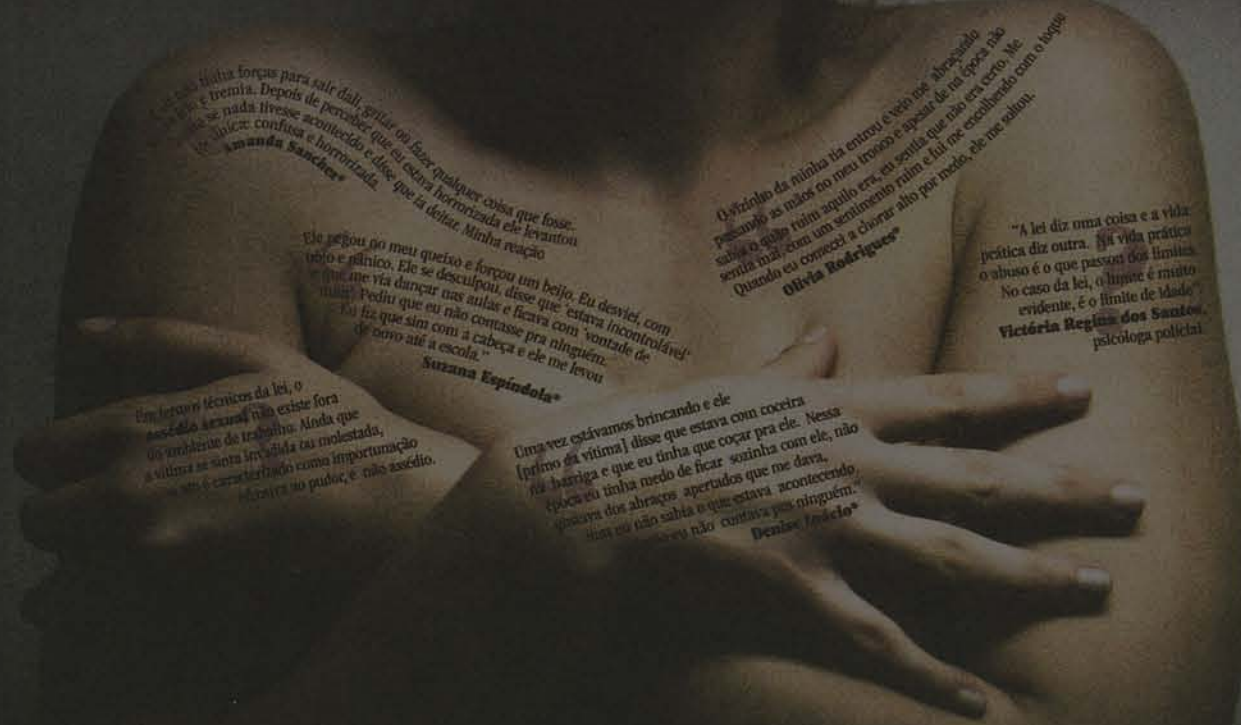
## Proteção para elas

O preservativo feminino chegou ao mercado brasileiro em 1997, quando a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a comercialização do produto no país. O Ministério da Saúde iniciou sua distribuição pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2012, com objetivo de ampliar as opções de proteção às doenças sexualmente transmissíveis e de oferecer à mulher a decisão sobre o uso do preservativo. Infelizmente, a camisinha feminina ainda não se popularizou tanto quanto a masculina, mas existem diversos motivos para torná-la mais utilizada.

Indicado para alérgicos ao látex, o preservativo feminino é feito de borracha nitrílica ou poliuretano, o que o torna mais resistente que o masculino. Além disso, oferece mais proteção, por abranger uma área maior de contato genital, como os grandes lábios, diminuindo os riscos de contrair DST's. Também por causa do material, sua espessura é mais fina - sabe aquela desculpa dos homens de que "usar camisinha diminui a sensibilidade"? Nada disso, o preservativo feminino é confortável tanto para o homem quanto para a mulher, garantem especialistas.

A camisinha feminina pode ser colocada até oito horas antes da relação sexual. Ela já vem pré-lubrificada, o que facilita a penetração, e pode ser utilizada no período menstrual. Vale lembrar que nesse período as mulheres ficam mais suscetíveis às DST's, pois o pH vaginal passa de ácido para alcalino, o que pode causar diversas infecções.

Mulheres que têm parceiras do mesmo sexo também devem se proteger e, nesses casos, a camisinha feminina é o método mais indicado. Não se pode esquecer que a mucosa da boca também pode ser porta de entrada para doenças, então na hora do sexo oral, a orientação é que seja utilizado o preservativo feminino.



Mulher

# Internet incentiva discussão sobre assédio sexual. Mas, o que é considerado crime?

Lei é flexível e dá margem a interpretações que podem culpabilizar as vítimas

No dia 20 de outubro, estreou o *reality show* *MasterChef Jr Brasil*, uma competição culinária protagonizada por crianças. Após a exibição do primeiro episódio do programa, uma onda de comentários com teor sexual objetificando uma das participantes surgiu nas redes sociais. Frases como “A culpa da pedofilia é dessa molecada gostosa” e “Sobre essa Valentina: se tiver consentimento é pedofilia?” foram postadas por usuários do *Twitter* e direcionadas à participante Valentina Shulz, de apenas 12 anos. Ao contrário do que geralmente acontece, o caso de Valentina ganhou voz e repercutiu durante dias nas redes sociais, mas ainda é preciso também dar atenção aos tantos outros casos que acontecem diariamente e não são pautados pela mídia. Assédios e abusos que acontecem na infância dificilmente tornam-se públicos, ora para preservar identidades, ora por falta de informação sobre o que caracteriza tais transgressões. Pensando nisso, a fundadora do coletivo feminista *Think Olga* lançou a campanha *#PrimeiroAssédio*, pedindo que internautas publicassem seus relatos pessoais referentes ao tema, para alertar as pessoas sobre o assédio sexual ocorrido na infância. Em apenas 24 horas, a hashtag já havia alcançado cerca de 2,5 mil postagens no *Twitter*, e em quatro dias de campanha, havia aparecido 82 mil vezes entre tweets e retweets, revelando o quão comum essas histórias são, principalmente na

vida das mulheres.

São casos como o de Amanda Sanchez\*, que aos 12 anos era assediada pelo padrasto enquanto a mãe trabalhava. O vigia noturno, que folgava algumas noites por semana, costumava abraçar a enteada e passar as mãos pelo seu corpo. Nesses momentos, Amanda ficava apavorada, tanto que jamais teve coragem de contar para a mãe por medo de ser culpada pela situação. Relata que só recentemente foi conhecer as formas de denúncia e o quão importante é levar esses casos adiante. Pode parecer diferente, mas se não se tratasse de uma criança,

## “Na interpretação do assediador e da própria sociedade, a mulher consente de formas sutis”

pouco se distanciaria dos casos vividos por mulheres diariamente em lugares públicos ou privados.

Aquele contato físico indesejado no ônibus, a “cantada” de um desconhecido na rua ou mesmo os olhares insistentes de um amigo para o seu corpo são popularmente conhecidos como assédio, já que o desconforto físico e psicológico da vítima são utilizados para definir a ação. Mas o termo divide opiniões, principalmente no que diz respeito ao significado. Para o Código Penal Brasileiro, assédio sexual é: “Constranger alguém com o intuito de

obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. Ou seja, só é assédio o ato transgressor que estiver ligado a questões trabalhistas. Caso contrário, o assédio sexual com que estamos “familiarizados” é caracterizado como importunação ofensiva ao pudor e trata-se de uma contravenção e não de um crime: não existe pena e o transgressor estará sujeito ao pagamento de multa no valor estipulado pelo juiz, que pode variar de acordo com a renda do réu, mas geralmente se aproxima a um salário mínimo.

O delegado Ricardo Thomé, do 6º Distrito Policial de Proteção da Mulher, afirma que a importunação ofensiva ao pudor é considerada menos grave, desde que não haja violência física. Mas de acordo com o dicionário Michaelis, violência é, dentre outras coisas, “qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa. Constrangimento, físico ou moral, exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem; coação” (Termo do Direito). Ou seja, aquele “esfrega-esfrega” no ônibus ou o beijo forçado na balada também são formas de violência e devem ser combatidas.

Outro assunto que causa confusão e serve de embasamento para muitos argumentos que culpabilizam a vítima é o tal consentimento. A psicóloga policial Victória Regina dos Santos tra-

balhou por quase 30 anos atendendo vítimas de abuso dentro e fora de casa. Sua experiência com mais de 3000 atendimentos mostra que nesses casos a lei é pouco conhecida, e o que prevalece é o senso comum, que muitas vezes diz que consentir pode estar na forma de se vestir ou de se portar de uma mulher ou criança. “A lei explica que a permissão precisa ser efetiva, você precisa dizer ‘eu quero’, ‘consinto’. Mas na interpretação do abusador e da própria sociedade, a mulher faz consentimentos sutis. Primeiro, ela consente porque é mulher, e tem todo um argumento de que mulher ta aí pra isso mesmo”, ressalta Victória. A psicóloga diz ainda há as dúvidas sobre o que é ou não abuso. “Existe tanto argumento pra desculpar o abusador. São argumentos que deixam a vítima frágil a ponto de pensar que ela está errada”, situação ainda mais comum quando a vítima é criança. Dentro ou fora das relações de trabalho, pode trazer graves consequências, como dificuldades de relacionamento, depressão e até suicídio. Por isso, é necessário que as vítimas sintam-se livres para relatar, expor e denunciar estes casos.

Denise Inácio\*, que sofreu o primeiro assédio quando tinha seis anos de idade, só teve consciência de que foi molestada aos 12 e não teve coragem de contar a ninguém. Foi só aos 19 anos que quebrou o silêncio e falou para a mãe. “Foi muito difícil assumir que algo assim tinha acontecido comigo e eu fiquei em silêncio por muito tempo”.

“... muita força para sair dali, gritar ou fazer qualquer coisa que fosse... e tremia. Depois de perceber que eu estava horrorizada ele levantou... nada tivesse acontecido e disse que ia voltar. Minha reação...  
Amanda Sanchez\*

Ele pegou no meu queixo e forçou um beijo. Eu desviei, com... e pânico. Ele se desculpa, disse que estava ‘incontrolável’... que me via dançar nas aulas e ficava com ‘vontade de...’. Pediu que eu não contasse pra ninguém...  
Eu fiz que sim com a cabeça e ele me levou... de novo até a escola.”  
Suzana Espíndola\*

Em termos técnicos da lei, o assédio sexual não existe fora... do ambiente de trabalho. Ainda que... a vítima se sinta invadida ou molestada... é caracterizado como importunação... no pudor, e não assédio.

Uma vez estávamos brincando e ele [primo da vítima] disse que coçar pra ele. Nessa... na barriga e que eu tinha que coçar pra ele. Nessa... época eu tinha medo de ficar sozinha com ele, não... gostava dos abraços apertados que me dava... mas eu não sabia o que estava acontecendo... não contava pra ninguém.”  
Denise Inácio\*

Quando a minha mãe entrou e viu me abraçando... piscando as mãos no meu tronco e apertar de na época não... sabia o que rir aquilo era, eu sentia que não era certo. Me... sentia mal com um sentimento ruim e fui me equilibrado com o toque...  
Quando eu comecei a chorar alto por medo, ele me saltou.”  
Olivia Rodrigues\*

“A lei diz uma coisa e a vida... prática diz outra. Na vida prática... o abuso é o que passou dos limites... No caso da lei, o limite é muito... evidente, é o limite de idade...  
Victória Regina dos Santos,  
psicóloga policial

## Onde procurar ajuda

Protocolo de Atenção Integral às Vítimas da Violência Sexual de Florianópolis  
Tel.: (48) 3239-1547

Centro de referência de Atendimento a Mulher em Situação de Violência  
Tel.: (48) 3224-7373  
R. Delminda da Silveira ( ao lado da 6ª DP)  
Florianópolis/SC

Casa da Mulher Catarina  
Rua Dom Joaquim, 757, sala 8 - Centro  
Tel/fax: (48) 3223-8010  
88015-310 - Florianópolis/SC  
atendimento@casadamulhercatarina.com.br

Promotoria Violência Doméstica  
3ª Promotoria de Justiça da Capital  
Tel.: (48) 3287-6500  
R. Álvaro Millen da Silveira, 208 - Fórum Centra  
Florianópolis/SC

6ª DP - Delegacia de Proteção à Mulher, ao Menor e ao Adolescente  
Tel.: (48) 3228-5304 / 3228-1380  
R. Delminda da Silveira, 811 - Agronômica  
Florianópolis/SC  
PLANTÃO 24 HORAS.

necessário que as vítimas sintam-se livres para relatar, expor e denunciar estes casos.

**Denise Inácio\***, que sofreu o primeiro assédio quando tinha seis anos de idade, só teve consciência de que foi molestada aos doze e não teve coragem de contar a ninguém. Foi só aos 19 anos que quebrou o silêncio e falou para a mãe. "Foi muito difícil assumir que algo assim tinha acontecido comigo e eu fiquei em silêncio por muito tempo".

**Olivia Rodrigues\*** também sofreu seu primeiro abuso na infância, aos 8 anos, em um churrasco na casa de uma tia com familiares e vizinhos. Um dos vizinhos passou as mãos pelo seu corpo, apenas parando quando Olivia\* começou a chorar alto por medo. "Não sei se minha mãe estava me procurando ou me ouviu chorando, mas quando me viu perguntou o que tinha acontecido e eu não respondi. O vizinho respondeu que eu caí e ele me levou pra casa para ver se tinha me machucado. Nunca mais consegui ir pra casa da minha tia até ela se mudar".

Para casos como o de Amanda, Olívia e Denise, os Conselhos Tutelares, Varas da Infância e da Juventude e Delegacias de Proteção à Criança e ao Adolescente são os locais mais indicados para fazer a denúncia. Já na fase adulta, mulheres assediadas e abusadas devem procurar as Delegacias de Proteção à Mulher que oferecem atendimento psicológico se a vítima denunciar.

Em Florianópolis essas vítimas são recebidas no 6º Distrito Policial de Proteção da Mulher, onde registram o boletim de ocorrência e são encaminhadas para atendimento com psicóloga. Em casos especiais, a psicóloga pode acompanhar a pessoa até o Instituto Médico Legal (IML) e orientar o legista para que o procedimento de exames seja mais sensível. Por fim, a vítima recebe encaminhamento para continuar o tratamento psicológico em consultório público. Mas o caminho entre o assédio, o abuso ou a violência sexual e a coragem para denunciar é longo e repleto de obstáculos.

los. Além do senso comum impregnado de preconceito, as vítimas que mesmo assim têm coragem para denunciar deparam-se com leis flexíveis. Como **Suzana Espindola\*** que sofreu abuso aos 12 anos de idade de um professor, que tentou beijá-la à força. Ela contou o que havia acontecido aos pais, que ligaram para a diretora da escola e fizeram boletim de ocorrência na delegacia. "Foi absurdamente traumático. O policial disse que, no máximo, o cara ia ser chamado pra prestar esclarecimentos... Me senti um lixo. Senti também que era uma menina boba e que talvez aquilo fosse coisa da minha imaginação". Suzana\* ainda sofreu ameaças do abusador por causa da denúncia. Pela delegacia, ela foi incluída em um sistema de ajuda psicológica que veio um ano depois, quando já tinha desenvolvido distúrbios alimentares por vergonha de ter "corpo de mulher".

Além de Suzana, tantas outras crianças, adolescentes e adultas sofrem diferentes tipos de assédio no dia-a-dia. Banalizar tais casos contribui para o silenciamento da vítima. A cantada na rua é encarada como elogio, enquanto o contato físico forçado na balada é sinal de que ele/ela está afim de você. O assédio - físico ou emocional - dentro ou fora das relações de trabalho, pode trazer graves consequências, como dificuldades de relacionamento, depressão e até suicídio. Por isso, é necessário que as vítimas sintam-se livres para relatar, expor e denunciar estes casos.

*\*Os nomes das entrevistadas foram alterados para preservar suas identidades*

Ariane Cupertino  
ariane.mcupertino@gmail.com  
Débora Cristina Baldissera  
de.baldissera@gmail.com  
Gisele Bueno  
giselecbueno95@gmail.co

Imagem produzida e meramente ilustrativa  
Daniella Coriolano/Zero

**ZERO**



Em cinco Cineclubes da UFSC, longa-metragens são exibidos e debates promovidos entre a comunidade para estimular reflexão; periodicidade varia entre semanal e quinzenal

Cultura

## Cinema nas salas de aula e até ao ar livre

Cineclubes da UFSC oferecem várias opções gratuitas de filmes para a comunidade universitária

**M**uitos não sabem, mas durante um semestre de aulas são exibidas regularmente várias sessões de filmes na UFSC, em diferentes locais da universidade. São os cineclubes, iniciativas que exibem longa-metragens gratuitamente para toda a comunidade e, em muitos casos, promovem debates após as sessões.

A bibliotecária responsável pelo Serviço de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFSC, Joana Felício, queria retomar a projeção de filmes no local e criar mais um atrativo cultural para a comunidade. Em 2012, com apoio da diretoria da Biblioteca Universitária (BU) e auxílio do professor Marcio Markendorf, do curso de Cinema, foi exibida a primeira sessão do **Cinema**

**Mundo.**

Buscando diferenciar o projeto das sessões que ocorreram anteriormente na BU, foi decidido que após a exibição de cada filme haveria um debate. Para mediar a conversa, são convidados um professor, antropólogo, psicólogo ou cinéfilo — a escolha depende do filme — para fazer comentários sobre o longa e estimular que os espectadores também opinem.

“A proposta do Cinema Mundo é gerar conhecimento, oferecer um espaço para troca de informações, e o debate permite isso”, comenta Joana. Como algumas pessoas não podiam ficar para o debate, os comentários passaram a ser gravados e disponibilizados na internet. No fim

de 2015, será lançado um *e-book* com as críticas cinematográficas dos filmes exibidos no decorrer do ano, com autoria dos convidados de cada sessão.

O projeto quase foi encerrado algumas vezes, mas resistiu por conta das parcerias que realizou ao longo dos anos. “Teve um período em que todos os projetores estavam com problemas, e só

conseguimos manter as sessões por causa de uma doação da TV UFSC”, conta Joana. O Cinema Mundo também tem apoio do Setic, que faz manutenção no computador do auditório, e do Cur-

**“A proposta do Cinema Mundo é oferecer um espaço para troca de informações, conhecimento, e através do debate isso é possível”**

so de Cinema, que ajuda na montagem dos equipamentos técnicos. Para realizar a divulgação, os organizadores do projeto utilizam sua página no *Facebook*, mural da BU, o site da universidade, a Agência de Comunicação da UFSC (Agecom), alguns sites de eventos locais e espaços especiais, como a *Revista Estudos Feministas*.

Esta última parceria foi realizada há dois anos, quando o Cinema Mundo dedicou praticamente todas as suas sessões a exibir filmes que apresentassem questões de gênero. Segundo Joa-

na, o objetivo é escolher os filmes de acordo com uma temática específica. Neste ano, o assunto é a mulher, representada como personagem e na função de produtora de filmes. Para o ano que vem, o objetivo é fazer temáticas semestrais, algo que teria sido implantado já neste semestre se não tivesse ocorrido a greve — período em que

o cineclube ficou inativo. A escolha dos filmes é decisiva para determinar a presença do público. Pela estimativa de Joana, cerca de 30 pessoas acompanham as sessões, em média. Contudo, já houve filmes com 10 espectadores e outros que lotaram o auditório, que comporta 80 cadeiras.

#### Cinema Mundo

As sessões ocorrem às quintas-feiras, às 18h30, no Auditório Elke Hering da BU, com periodicidade quinzenal.

[cinemamundo.cce.ufsc.br/](http://cinemamundo.cce.ufsc.br/)

Esta média de espectadores é semelhante ao **Cine Paredão**, que estima ter entre 20 e 30 pessoas por sessão. Criado em 2008, o projeto tem como coordenadora a professora Clélia Mello, do curso de Cinema, e também conta com o apoio de dois bolsistas. Os organizadores escolhem filmes alternativos, que não estejam no circuito comercial brasileiro e que tratem de temáticas sociais relevantes. As sessões ocorrem todas as sextas-feiras, 22h, no Bosque do CFH.

Apesar de estar ativo há sete anos, o cineclube ainda enfrenta certo preconceito pelo local de exibição.

Segundo João Benin, um dos bolsistas do projeto, algumas pessoas ficam receosas de ir até o bosque à noite, apesar da sessão ocorrer ao lado do prédio, em um local bem iluminado. Além disso, ele diz que é difícil motivar as pessoas a saírem do conforto de suas casas para sentar no chão. Contudo, Benin destaca os benefícios de ir a uma sessão. “Embora hoje em dia seja possível encontrar qualquer filme na internet, o papel do cineclube vai além disso. Assistir um filme em grupo é uma experiência completamente diferente de assistir em casa”.

#### Cine Paredão

As sessões ocorrem todas as sextas-feiras, às 22h, no bosque do CFH.

[cineparedaoufsc.tumblr.com/](http://cineparedaoufsc.tumblr.com/)

Para os organizadores do **Cineclube Rogério Sganzerla**, iniciativa do curso de Cinema, o maior problema é outro: infraestrutura. Várias sessões já tiveram que ser adiadas por falta de sala disponível ou problemas nos projetores. Nesse semestre, o cineclube teve apenas seis sessões no Auditório do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), que seria o melhor local para exibição dos filmes. Com isso, o projeto teve nove exibições na Sala Hassis que, segundo os organizadores, é barulhenta, tem muita claridade e problemas com o projetor. Isso acaba afastando os espectadores do cineclube, que atualmente conta com cinco a 10 pessoas nas sessões, dependendo do filme, mas já alcançou um público de 30 espectadores.

Porém, o projeto está em reestruturação. Com a construção do novo prédio do CCE, que será utilizado pelo curso de Cinema a partir do primeiro semestre de 2016, um auditório com um bom projetor e espaço para as sessões será dedicado para a realização do cineclube. Atualmente também está ocorrendo a catalogação do acervo de filmes produzidos pelo curso de Cinema e exibidos pelo cineclube. “Estamos continuando o cineclube para o projeto não morrer, mas já estamos planejando o próximo semestre. Queremos

começar de forma organizada, com acervo e espaço adequado. Assim podemos ter mais pessoas na organização e nas sessões”, destaca o estudante Leonardo Gatti, um dos responsáveis pelo projeto.

A aposta do Cineclube Rogério Sganzerla também são os filmes de difícil acesso. Mas, a escolha dos longos é diferente: depende de alguém que se proponha

### O Cineclube Rogério Sganzerla está em reestruturação e em 2016 haverá um auditório adequado para o projeto

a apresentar o filme, comentando sinopse, contexto e motivos da escolha. A oportunidade é aberta também para pessoas que não são do curso, e, quando ninguém se propõe, a própria organização escolhe. Assim como em outros cineclubes, também é realizado debate — mas este é focado em analisar as questões técnicas dos filmes, como direção, roteiro, montagem e atuações.

“Os debates são uma forma de estudo para nós, já que não temos o costume de nos reunirmos para ver filmes e debatê-los como fazemos aqui”.

Além de ter que lidar com diversos problemas, atualmente o trabalho dos organizadores é voluntário. Como o cineclube está passando por um momento de reestruturação, ele deixou de ser considerado projeto de extensão, logo não tem professor responsável e nem bolsistas remunerados. Para os organizadores, é a troca de conhecimentos que os motiva a continuar com o projeto. “Em todo filme você cresce. O cineclube reúne pessoas de diversos cursos e diferentes áreas, que apresentam visões diferentes daquela que você tem. Muitos não entendem termos técnicos, então há muita troca de informações. Nós aprendemos e ensinamos muito ao mesmo tempo, e isso que faz o esforço valer a pena”, acrescenta Carolina Morgan, uma das organizadoras.

#### Cineclube Rogério Sganzerla

As sessões ocorrem quinzenalmente às quartas-feiras, às 18h30, no Auditório Henrique Fontes ou na Sala Hassis

[cineclube.ufsc.br/](http://cineclube.ufsc.br/)

O nome do **Cine Buñuel** é uma homenagem ao diretor Luis Buñuel, que vincula na sua trajetória a cultura hispânica europeia e latino-americana. Segundo a organização “Buñuel representa um cinema envolvido com a criação e, ao mesmo tempo, com o desafio de renovar as formas de vida e pensamento. São precisamente estes os objetivos do presente projeto de extensão: propor uma postura crítica, reflexiva e criativa em relação à realidade, a partir das formas do cinema”. A ideia surgiu entre alguns professores e alunos de Letras-Espanhol para aproximar os estudantes e a

comunidade do cinema hispânico e gerar debates relacionados à cultura de diferentes países.

Os filmes são exibidos dentro de um ciclo temático, que muda a cada seis meses e é decidido pelos organizadores. Ao fim deste semestre, cujo tema é “Universo Feminino”, as pessoas que tiverem uma presença mínima de 75% receberão um certificado de participação. Segundo o professor de Literatura Hispânica da UFSC, André Fiorussi, uma das maiores dificuldades de manter o projeto é a falta de apoio da Universidade e o difícil acesso aos filmes. Mesmo assim, o Cine Buñuel

já acumula participantes fiéis, como é o caso da médica aposentada, Creuza Smionatto, que já frequenta as exibições há quase um ano. Para ela, que morou por 30 anos em Nova Iorque, e sente falta da oferta cultural da cidade, essa é uma maneira de sair da rotina e ainda treinar o idioma.

#### Cine Buñuel

Quinzenalmente, às quintas-feiras, das 13h30 às 16h. Na sala 223 do Bloco A do CCE.

[facebook.com/cinebunuelufsc](https://facebook.com/cinebunuelufsc)

O projeto mais novo da lista começou em abril deste ano e é organizado por duas professoras-coordenadoras e duas bolsistas da graduação em Letras-Espanhol. No **Cine y Charla**, são exibidos quinzenalmente filmes de diferentes países hispânicos, e que, segundo uma das organizadoras, a professora Carolina Parrini, “possam gerar debates interessantes sobre questões humanísticas e

questões culturais desse contexto”.

O objetivo é propagar informações sobre o mundo hispânico, suas culturas e variedades linguísticas, e oferecer à comunidade a oportunidade de adquirir novos conhecimentos culturais. Semelhante ao Cine Buñuel, a principal diferença é que os debates são promovidos preferencialmente em espanhol.

#### Cine y Charla

Ocorre quinzenalmente, às quintas-feiras, das 13:30 às 16:30h, na sala 142 do bloco A do CCE

[facebook.com/cineycharla/](https://facebook.com/cineycharla/)

Gabriel Lima  
gabrieiduwe@gmail.com  
Lilian Koyama  
lzkoyama@gmail.com

Arte

# DJs buscam visibilidade da música eletrônica no estado

Gênero ainda é pouco reconhecido em comparação a sua presença nas baladas

O maestro do século XIX subia ao seu púlpito. Diante dele, a partitura e a batuta com a qual regeria dezenas de músicos (trompetistas, flautistas, pianistas, etc) à sua frente. Às suas costas, uma plateia de damas e cavalheiros da alta sociedade, usando vestidos longos e costumes de alta costura. Ele queria impressionar a sua plateia confortavelmente sentada e torcia para que fosse mencionado no meio de algum café com outros membros da elite. O maestro do século XXI sobe a um pequeno elevado, que pode ou não ser um palco. Diante dele, um notebook (ou pendrive) contendo o seu setlist, que será executado graças a aparelhos que geram sons com o toque de um botão. Logo à frente de seus equipamentos, numa pista, está uma plateia composta por jovens usando roupas confortáveis e da moda. Ele quer que todos dançam e torce para que a experiência que tenham nessa noite seja lembrada pelo resto de suas vidas.

A pré-história da música eletrônica remonta ao ano de 1785, com a invenção do "Clavecin magnético", um instrumento criado pelo cientista e padre jesuíta Abbé Bertholon de Saint-Lazare, na França, após experimentos com magnetismo. O instrumento produzia sons com o choque de sinos e badalos metálicos operados por um teclado. Em 1948, o compositor Pierre Schaffer criou o *musique concrète*, estilo de música feito por ruídos vindos dos toca-discos. Schaffer também usava variação da velocidade e de sentido nas suas gravações – as primeiras mixagens.

## O clube Green Valley, de Balneário Camboriú, foi eleito em 2015 o melhor do mundo pela publicação DJ Mag

Até o final dos anos 70, a música eletrônica era vista apenas como um recurso para os outros gêneros. Três fatores mudaram isso. O primeiro foi o sucesso do grupo alemão Kraftwerk, considerado por críticos como tão influente para a música do século XX quanto os Beatles. O som que eles produziam era essencialmente eletrônico e foram os precursores da Disco Music – que seria símbolo da década seguinte. Além disso, a criação de samplers (equipamento que armazena sons e permite ao DJ reproduzi-los livremente para a criação de novas melodias) e a popularização dos computadores pessoais foram responsáveis pelo *boom* da música eletrônica.

Atualmente, a música eletrônica, como qualquer outro gênero, possui subdivisões. São dois grandes grupos: Eletronic Dance Music (EDM) e Underground. A EDM tem como ícones os DJs David Guetta e Avicii. É o tipo de música que você costuma escutar no rádio. O Underground é – genericamente falando – o resto. Nesse último, estão os subgêneros principais House e Techno.

Santa Catarina é talvez o estado brasileiro mais forte na música eletrônica. Em Balneário Camboriú, está o Green Valley, atualmente o melhor clube do mundo segundo a revista DJ Mag. Em Itajaí, está o Warung, um dos maiores clubes underground existentes. Aqui em Florianópolis, há a Pacha Florianópolis (filial do clube espanhol), o P12 e o Terraza. Além disso, a última edição da Injeção Eletrônica – que trouxe DJs de destaque nacional.

Esse cenário acaba sendo atraente tanto para quem está começando como para quem já tem experiência. Careca, com dois metros de altura, um cavanhaque já meio grisalho e com os braços quase

**“Na hora de compor é o mesmo processo de criação que vem do nada, só que a música é feita totalmente em circuitos”**

inteiramente tatuados, o DJ André Lazzuri, de 38 anos, não demora muito na conversa para soltar um palavrão. Debaixo dessa carcaça, está um paulista honesto que defende o que sempre fez parte da sua vida: o underground. Lazzuri toca principalmente Techno e já se apresentou com nomes como Dubfire e Renato Ratier além de ter tocado durante muito tempo na D-Edge. Com o projeto Treze Underground Culture, planeja difundir a cultura eletrônica underground por Florianópolis. Um dos meios tem sido shows como o Dont'Stop e o TECH.no SENSE.

“A diferença [para outros gêneros] é que a música eletrônica é feita totalmente em circuitos eletrônicos totalmente. Na hora de compor, não tem nenhuma diferença. É o mesmo processo de criação, que vem do nada” afirma o DJ Carlos B, artista convidado da primeira edição do TECH.no SENSE. “Mas, às vezes, quando se está produzindo, tu levanta e começa a dançar no meio do quarto, para ver se ela está num ritmo legal de dança.”

Apesar de ter apenas 21 anos, Carlos Eduardo Bucci já tem um currículo que pode ser invejado por colegas de profissão mais velhos. A sua carreira começou em 2008, quando iniciou, por conta própria, os estudos sobre música. No ano seguinte, começou a se apresentar como DJ. Em 2014, foi citado pela revista francesa All In Electro como um dos 12 brasileiros que mais se destacam na música eletrônica internacional. Em 2013, fundou a gravadora Konsep Records com dois colegas. No começo, lançavam apenas as próprias músicas. Depois, artistas começaram a vir atrás, interessados pelo selo.

A Konsep já gravou músicas da Argentina, México e Europa. Só são lançadas tracks aprovadas pelos três e que possuam um forte conceito por trás. Se aprovada, um artista visual contratado faz uma pintura feita à mão como arte para a música ser vendida virtualmente.

Ademar Teodoro Junior, DJ e produtor da Konsep

Records, possui o nome artístico Knip. Ele passa a maior parte de seus dias no seu “Home Studio”, um quarto localizado nos fundos da casa onde mora. Pode-se dizer que é um ambiente criativo. Os equipamentos dele dividem espaço com peixes coloridos dentro de aquários, uma miniatura de dragão, outra do Darth Vader e símbolos religiosos. Ele defende muito a história da música eletrônica underground: “Mas quem é que começou tudo? Foi o Techno, cara, lá em 1990, tá ligado? Chamavam de bate estaca, quando começou. Mas isso tem que ser valorizado, porque se não fossem os caras lá atrás, em 1990, batalhando ali, usando fita, usando disquete... Olha, hoje a gente tem altos computadores, porra, a gente tem muita coisa, que há 20 anos atrás não tinham! É a isso que eu me refiro, os caras têm que respeitar o underground, eles precisam respeitar, tudo veio do underground. Porra, eu acho que falta um pouco do respeito com a galera que abraça mesmo a essência da música”.

Além de DJ, Knip também trabalha como operador de estação de tratamento na Odebrecht ambiental, mas não acha difícil conciliar os dois trabalhos. O difícil, segundo ele, é o preconceito dos colegas de trabalho com o fato de possuir uma vida “fora da empresa” como produtor musical. A situação, avalia, poderia ser diferente se os colegas na música agissem menos em benefício próprio: “É um exercício, cara, tu tá lutando pelo underground, mano. Se tu tá fazendo uma cena, tu não tá fazendo pra ti,

**“Penso em mudar um pouco a imagem de Blumenau de Cavalinho Branco [banda típica alemã] para tech house”**

pra ti vender, pra ti ganhar, tu tá fazendo pela tua cena. Eu penso, daqui a 20 anos, a molecada daqui em Blumenau... Falou Blumenau, Underground. Techno! Tech House! Esse é o meu pensamento, fazer essa imagem de Blumenau mudar um pouco, de Cavalinho Branco (banda típica alemã), pra Tech House. E é possível.”

Duvida dos planos de André ou de Knip? Pois saiba que, com 29 anos, o blumenauense só começou a produzir músicas no último ano. “Tô aí, provando que nunca é tarde para começar a produzir. Eu sou um cara determinado. Eu quero, eu vou atrás, eu preciso, eu consigo”. No entanto, não será um caminho fácil, alerta Carlos B: “O cenário da música em si, no Brasil, é muito ruim. Em todos os tipos de música. A arte em si é pouco valorizada. Ainda mais pra música eletrônica, que tá crescendo agora. A música eletrônica underground tu faz por amor. Tu ganha dinheiro? Ganha. Mas é muito difícil. É muito suor.”

Luiz Gabriel Braun  
luizbraun08@gmail.com